

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,  
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**ROMULO DOS SANTOS PINHEIRO**

**PERCEPÇÕES DO ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE  
ESCOLAR DO ASSENTAMENTO NOVA VITÓRIA, PINHEIROS ES.**

**SÃO MATEUS  
2017**

**ROMULO DOS SANTOS PINHEIRO**

**PERCEPÇÕES DO ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE  
ESCOLAR DO ASSENTAMENTO NOVA VITÓRIA – PINHEIROS - ES**

Trabalho apresentado ao Programa de Mestrado da Faculdade Vale do Cricaré, no curso de Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Yolanda Aparecida de Castro Almeida.

**SÃO MATEUS  
2017**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus - ES

P654p

Pinheiro, Romulo dos Santos.

Percepções do ensino de Educação Ambiental na comunidade escolar do assentamento Nova Vitória – Pinheiros - ES /Romulo dos Santos Pinheiro– São Mateus -ES, 2017.

101f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2017.

Orientação: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Yolanda Aparecida de Castro Almeida.

1. Percepção geográfica. 2. Representações ambientais. 3. Educação ambiental. 4. Pinheiros - ES. I. Almeida, Yolanda Aparecida de Castro. II. Faculdade Vale do Cricaré. III. Título.

CDD: 372.357

## RÔMULO DOS SANTOS PINHEIRO

### Percepções do ensino de Educação Ambiental na comunidade escolar do Assentamento Nova Vitória, Pinheiros- ES

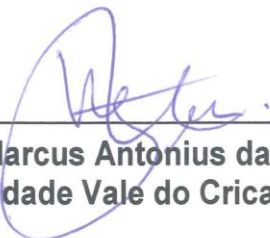
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 24 de novembro de 2017.

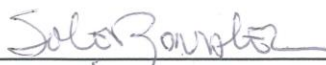
#### COMISSÃO EXAMINADORA



**Profa. Dra. Yolanda Aparecida Castro de Almeida**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



**Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



**Prof. Dr. Soler Gonzalez**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao senhor Jesus, meu Deus todo poderoso, autor e consumidor da vida e da salvação eterna. A ele rendo-lhe toda honra, toda glória e todo o louvor.

A minha família, que representa para mim meu porto seguro, onde encontro paz, serenidade e forças para continuar vivendo.

Em especial a minha mãe que sempre foi um grande exemplo de superação, a quem devo a formação de meu caráter e profissionalismo.

Ao meu filho Miguel Rômulo Pinheiro a quem eu amo incondicionalmente.

A professora Doutora Yolanda Aparecida de Castro Almeida, pessoa que tive a grande honra e a oportunidade de tê-la como orientadora, com certeza sem sua preciosa ajuda não teria conseguido alcançar o resultado final.

Ao professor Doutor Marcus Antonius da Costa Nunes, que muito me ajudou durante este percurso, pelas orientações dadas na qualificação, e que além de ser o coordenador do mestrado, acabou se tornando para mim um grande amigo.

Aos meus grandes amigos e colegas de mestrado que participaram de todo este processo em busca deste título e do aperfeiçoamento profissional.

## RESUMO

PINHEIRO, Rômulo dos Santos. **Percepções do Ensino de Educação Ambiental na comunidade escolar do Assentamento Nova Vitória – Pinheiros – ES.** 2017. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional), Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2017.

A percepção geográfica refere-se na capacidade do indivíduo através dos órgãos do sentido, audição, visão e tato, absorver todas as informações emitidas pelos elementos que compõe o espaço geográfico, para então construir uma representação singular do meio ao seu redor. Baseado nesta premissa, este trabalho voltou-se para o município de Pinheiros ES, especificamente para a comunidade rural do Assentamento “Nova Vitória”, onde foi proposta a realização desta pesquisa científica com os sujeitos pertencentes à Escola Estadual de Ensino Fundamental “Margem do Itauninhas”, mais especificamente a professora e os alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental. O problema deste trabalho partiu do interesse em identificar quais as percepções de Educação Ambiental são assimiladas em sala de aula, pelos alunos da EEEF Margem dos Itauninhas? Desta forma esta pesquisa objetivou explorar as percepções dos estudantes da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano da EEEF Margem de Itauninhas, em relação à questão ambiental, a partir das aulas de Educação Ambiental. Esta pesquisa foi de cunho qualitativo. Os materiais utilizados foram: aplicação de entrevista realizada com a professora regente, observação das aulas ministradas pela professora e a aplicação de questionário aos alunos. No final da pesquisa foi identificado que dentre os alunos existem duas formas distintas de percepção do meio ambiente, sendo uma delas Naturalista e a outra Interacionista. O embasamento teórico utilizado pela professora em sua prática docente se dá através do livro didático apropriado para a educação no campo. E sua prática em sala de aula condiz com o relato descrito em entrevista, demonstrando uma percepção interacionista do meio ambiente. As análises destes resultados foram organizadas e sistematizadas neste documento de cunho acadêmico e científico.

**Palavras chaves:** Percepção Geográfica, representações ambientais, Educação Ambiental.

## ABSTRACT

PINHEIRO, Rômulo dos Santos. **Perceptions of the Education of Environmental Education in the school community of Settlement Nova Vitória - Pinheiros - ES.** 2017. Dissertation (Master in Social Management, Education and Regional Development), Vale do Cricaré College, São Mateus, 2017.

Geographical perception refers to the individual's capacity through the organs of sense, hearing, sight and touch, to absorb all the information emitted by the elements that make up the geographic space, to then construct a singular representation of the environment around him. Based on this premise, this work turned to the municipality of Pinheiros ES, specifically for the rural community of the Settlement "Nova Vitória", where it was proposed the accomplishment of this scientific research with the subjects belonging to the State School of Fundamental Education "Margin of Itauninhas", More specifically the teacher and the students of the multi-grade room 3, 4 and 5 of elementary school. The problem of this work started from the interest in identifying which the perceptions of Environmental Education are assimilated in the classroom by the students of EEEF Margem dos Itauninhas? In this way, this research aimed to explore the students' perceptions of the 3rd, 4th and 5th grade multiserries students of EEEF Margin of Itauninhas, regarding the environmental issue, from Environmental Education classes. This research was qualitative. The materials used were: application of an interview with the teacher, observation of the classes taught by the teacher and the application of a questionnaire to the students. At the end of the research it was identified that among the students there are two distinct forms of perception of the environment, one being Naturalist and the other Interactionist. The theoretical basis used by the teacher in her teaching practice is given through the textbook appropriate for education in the field. And his classroom practice matches the story described in an interview, demonstrating an interactionist perception of the environment. The analyzes of these results were organized and systematized in this academic and scientific document.

**Keywords:** Geographic Perception, Environmental Representations, Environmental Education.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2</b>	<b>PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA</b> .....	15
2.1	UM BREVE RELATO DA HISTÓRIA DA EA NO BRASIL.....	23
2.2	DISCUTINDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	24
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	34
3.1	CRONOGRAMA.....	36
<b>4</b>	<b>APRESENTANDO A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARGEM DO ITAUNINHAS</b> .....	38
4.1	ACOMPANHANDO O COTIDIANO ESCOLAR DOS ESTUDANTES.....	41
4.2	CONHECENDO AS PERCEPÇÕES ESPACIAIS DA PROFESSORA.....	48
4.3	RESULTADOS E ANÁLISES DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.....	52
4.4	COMPREENDENDO AS PERCEPÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DOS ESTUDANTES.....	58
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68
	<b>APÊNDICE</b> .....	71
	<b>ANEXOS</b> .....	92



## 1 INTRODUÇÃO

Não há como precisar uma data específica que se determine o momento em que os impactos ambientais negativos começaram a ser identificados no ambiente. Porém, é consenso, que a partir da Revolução Industrial, no século XIX, iniciada no continente europeu, intensificaram-se os problemas ambientais. Questões estas que provocaram uma preocupação entre dirigentes de vários países, promovendo no início da década de setenta do século XX, um encontro com representantes de 113 países em Estocolmo na Suécia, iniciado em 05 de junho de 1972. Tão significativo encontro é lembrado todos os anos, consagrando o dia 05 de junho como o dia mundial do meio ambiente.

Vários outros debates, encontros, reuniões surgiram a partir de então. São exemplos destes momentos, o Seminário Internacional de Educação Ambiental em Belgrado, em 1975; a Conferência Intergovernamental realizada em Tbilisi, ocorrida na Geórgia, em outubro de 1977. Estes encontros possibilitaram em 1987, surgir o documento denominado Nosso Futuro Comum, trazendo o conceito de desenvolvimento sustentável como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas necessidades. Independente das contradições que este conceito passou a levantar, visto que o significado de necessidade é relativo em uma sociedade de consumo, o termo desenvolvimento sustentável passou a partir daí ser maciçamente debatido nas reuniões que ocorreram após este momento. Outros encontros envolvendo vários países ocorreram, a saber, Rio 92, também conhecido como ECO 92; o encontro em Johannesburgo, na África do Sul em 2002 e vários outros em menor ou maior escala.

O fato é que a partir da segunda metade do século XX, os problemas como desigualdades sociais, consumismo exagerado passaram também a ser sinônimos de crise ambiental, sendo cada vez mais necessário repensar as práticas cotidianas tanto em macro espacial quanto em suas células, quanto coletiva quanto subjetivamente. Percebeu-se assim que a crise ambiental perpassa por um emaranhado de complexidades, onde uma única explicação não satisfaz compreender todo entrelaço de situações. Recorda-nos Guattari (1990) que não é possível se pensar em uma

única ecologia, principalmente por se compreender que refletir que as questões ambientais é sensibilizar-se, sobretudo das relações estabelecidas entre os grupos sociais do espaço terrestre.

Compreendendo que estas relações ocorrem em um espaço tempo e que é importante, sobretudo entender a maneira pela qual estas inclusões sociais são percebidas, este trabalho voltou seu olhar para a cidade de Pinheiros, mais especificamente para uma comunidade escolar estabelecida na zona rural desta cidade. Desta forma, visando uma melhor compreensão sobre este espaço, faz-se necessário localizar este município. A seguir mapa 1 ilustrando a posição geográfica do município de Pinheiros no estado do Espírito Santo.

**MAPA 1 - POSIÇÃO GEOGRÁFICA DE PINHEIROS**



Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/es/pinheiros/panorama>

Pinheiros é um município geograficamente situado a  $18^{\circ} 22' 13''$  sul e  $40^{\circ} 12' 48''$  oeste, pertencente à Região Sudeste do Brasil, especificamente localizado no extremo norte do estado do Espírito Santo, Possuindo aproximadamente 975 km<sup>2</sup> de extensão territorial e cerca de 27 mil habitantes de acordo com o último censo demográfico realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística, (IBGE) no ano de 2016.

De acordo com relatos descritos no livro Memória Histórica de Pinheiros (2014), publicado pelo autor Ubaldino Souto Coelho, seu processo histórico é marcado pelo extrativismo da madeira Peroba, onde influenciou a origem do seu primeiro nome, Horto das Perobas, atraindo indivíduos oriundos do Sul da Bahia, Nordeste do estado de Minas Gerais e Norte do ES, motivados pela possibilidade de fácil e rápido enriquecimento com a exploração e extração de madeira, que no início existia em grande quantidade, incentivando a ocupação, a formação do município e de sua população.

Em sua gênese, na segunda metade da década de 1940, a economia da cidade esteve baseada no extrativismo vegetal, especificamente o da madeira, atividade a qual foi responsável pela destruição de boa parte da vegetação nativa da região, que é pertencente ao ecossistema da Mata Atlântica, fato que muito contribuiu para a transformação de sua paisagem e estrutura ambiental. Tais ocorrências que marcaram a história deste município foram decisivas no que se refere à atual situação ambiental deste município, caracterizado pelos altos períodos de seca e estiagem, crise hídrica ocasionada com diminuição do volume dos rios e até mesmo o total desaparecimento de algumas nascentes e córregos que originam os rios locais.

No ano de 2009 a Secretaria Municipal de Educação de Pinheiros em parceria com as secretarias de Educação dos municípios circunvizinhos (Montanha, Pedro Canário, Ponto Belo, Mucurici e Boa Esperança) capacitaram alguns profissionais destes referidos municípios com o projeto ECOAR, onde professores do ensino fundamental foram sensibilizados com a temática trabalhada no curso.

Durante a formação acadêmica no curso de graduação em Geografia, despertou-se o interesse de articular a Educação Ambiental em processos de Formação de Educadores. No ano de 2009, ao exercer a função de tutor presencial do Processo Formador em Educação Ambiental a Distância pela UFES, esse desejo tornou-se maior. Nesta oportunidade, através de todo conhecimento inspirado e adquirido nos trabalhos, pesquisas e conceitos produzidos pela professora Martha Tristão que era coordenadora do curso, ocorreu-se uma metamorfose em todos os conceitos e pré-conceitos já estabelecidos anteriormente em relação às concepções da Educação Ambiental.

Desta forma, sensibilizado a realizar outra reflexão sobre essa temática, foi possível alcançar uma nova concepção de Educação Ambiental, algo muito diferente do que vivenciado em práticas cotidianas. Isto mudou a forma de ver e interagir no meio, e também as práticas em sala de aula com os alunos, levando o pesquisador e autor dessa pesquisa acompanhar trabalhos relacionados à questão ambiental nas escolas do município de Pinheiros ES, possibilitando às vivências com saberes e fazeres dos sujeitos envolvidos, e surpreendendo-se com os saberes locais já construídos e desenvolvidos pelos mesmos em seu dia a dia.

Existem algumas áreas deste município que instigam o interesse em identificar a percepção dos sujeitos ali localizados com relação a todas as problemáticas ligadas às questões sociais, ambientais e socioambientais ocorrentes na cidade de Pinheiros - ES no decorrer das últimas décadas. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Margem Itauninhas, instigou o desejo de pesquisa deste trabalho. A mesma se encontra na zona rural da cidade, mas especificamente no Assentamento “Nova Vitória”. A comunidade do Assentamento é composta por 46 famílias assentadas, totalizando uma média de aproximadamente 200 habitantes. Os assentados são oriundos de um grupo de indivíduos que participavam do MST (Movimento Sem Terra), e foram contemplados com posse de um pedaço de terra que compreende a quatro alqueires por família. A escola oferta as séries que vão do 1º até o 9º ano escolar, sendo mantida pelo Governo Estadual do Espírito Santo.

Considerando ser importante compreender a questão ambiental nos vários espaços do município e diante do que foi exposto, surgiram alguns questionamentos: Quais as percepções de Educação Ambiental são assimiladas em sala de aula, pelos alunos da EEEF Margem dos Itauninhas localizada na comunidade escolar do Assentamento Nova Vitória? Frente a este problema, algumas suposições foram levantadas. Dentre elas a possibilidade de ser detectada a presença de uma EA limitada a atividades meramente pontuais, restringindo a EA a movimentos de cunho puramente ecológico e naturalista. Supõe-se também que o ensino da EA não seja trabalhado de forma transdisciplinar ou mesmo interdisciplinar, havendo a possibilidade de vinculá-la apenas às ciências da natureza, tais como ciências biológicas e geografia.

Diante das hipóteses suscitadas, aspira-se com este estudo explorar as percepções dos estudantes da sala multisseriadada 3º 4º e 5º ano da EEEF Margem de Itauninhas, em relação à questão ambiental, a partir das aulas de Educação Ambiental. E a partir deste objetivo mais abrangente, pretende-se: Identificar o embasamento teórico utilizada pela professora no que tange o ensino de EA em sala de aula. Adiante, analisar o conteúdo explicitado pela professora com suas práticas exercidas e dinamizadas em sala de aula com os alunos. Finalmente, relacionar as percepções de EA externadas pelos alunos da sala multisseriadada 3º, 4º e 5º ano com as três formas de representações de Meio Ambiente discutida por Reigota (2010). Como último objetivo, apresentar todos os dados e resultados adquiridos para mesma comunidade escolar que foi pesquisada, viabilizando uma nova visão e percepção sobre a realidade que tange a pratica do ensino da EA em seu cotidiano, devolvendo para a escola uma contribuição do trabalho que a referida muito colaborou para sua ocorrência.

Responder a estes objetivos se justifica por perceber esta investigação como possibilidade de compreender as percepções ambientais de uma escola onde supõe ser a natureza algo mais cotidianamente percebida. A relevância deste trabalho de pesquisa, parte da premissa que a EA deve ser uma temática existente no currículo de todas as disciplinas escolares, sendo aplicada de forma transdisciplinar e interdisciplinar, mesmo porque sua presença é garantida pela lei 9.795/99. Este trabalho também é importante, por investigar a existência da EA na EEEF Margem do Itauninhas, visando compreender a percepção de meio ambiente dos indivíduos pertencentes a esta instituição de ensino, como também da comunidade a qual está situada. Assim a compreensão destas percepções poderá categorizar as análises do meio ambiente que são vivenciados pelos alunos da EEEF Margem do Itauninhas, pois se acredita que a forma como o indivíduo percebe o meio vivenciado, influenciará na sua maneira de interagir no mesmo. Compreender como os filhos dos antigos assentados percebem o espaço vivenciado, com certeza poderá contribuir para o entendimento deste pesquisador no que tange o objetivo geral desta pesquisa. Esta pesquisa justifica-se também por ser um estudo sobre a dinâmica do ensino da EA em uma localidade do Extremo Norte do Espírito Santo, algo novo nesta região.

A escola contemporânea, estando conectada ao período a qual vivemos, representa um espaço fértil para cultivarmos práticas e valores ligados a uma proposta pedagógica que permita o diálogo e o respeito à diversidade em todos os seus inúmeros formatos e configurações, seja eles culturais, religiosos, sociais etc. Com esse pensamento, compreende-se a escola como sendo um espaço social-educativo, capaz de promover práticas diárias e propostas sustentadas na sustentabilidade. Este pensamento contribui para a formação de uma escola sustentável, estimulando saberes e fazeres sustentáveis.

Pesquisar as realidades da EA no espaço escolar representa para este pesquisador uma grande necessidade acadêmica, pois a EA, compreendida de forma mais abrangente, possibilita desenvolver nos indivíduos uma nova visão da realidade, enxergar o meio ambiente com outro olhar, vendo além das aparências, despertando o desejo de constante busca pelo conhecimento, formando opiniões próprias, entendendo e relacionando-se melhor com a realidade a qual está inserido.

Com esta pesquisa, espera-se que ocorra um retorno aos indivíduos da comunidade escolar do assentamento Nova Vitória, podendo possibilitar o entendimento das percepções de EA, compreendendo de forma completa a realidade de seu meio ambiente, viabilizando uma visão crítica das questões socioambientais, no qual poderão servir para a construção de uma nova concepção do espaço local e de suas representações.

Feitas estas considerações, faz-se necessário, para melhor organização desta dissertação, estruturá-la em mais 04 capítulos, prosseguindo com o embasamento teórico, onde serão discutidos conceitos inerentes à ciência geográfica e ambiental, até as considerações finais, quando, num retorno aos problemas iniciais, serão expostas as reflexões sobre esta investigação.

Objetivando uma continuidade coerente, o capítulo 02, Percepção Geográfica, irá abordar as categorias de análise da Geografia, ao mesmo tempo em que será discutido a Geografia Fenomenológica, ciência relacionada à percepção do espaço vivenciado. Para esta abordagem, haverá um diálogo com os seguintes teóricos: Kant (2001), Tuan (1980) Reigota,(2010), (2014). Estes pesquisadores, embora tenham vivido em espaços tempos diferentes, buscaram compreender a percepção do espaço

geográfico a partir das subjetividades coletivas existentes. Desta forma, nesta primeira parte do capítulo serão analisadas as categorias de espaço, paisagem, lugar e território. A análise destas categorias em muito irá colaborar para o desenvolvimento da pesquisa in loco. Ainda no capítulo 02, será feito um breve histórico sobre a EA no Brasil, considerando principalmente para isto os documentos oficiais do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Logo em seguida, visando demonstrar ainda mais a importância da EA, serão analisados os pensamentos de Tristão, (2004), (2005), (2007), (2009), Santos (2007),

O capítulo 03, Percurso Metodológico, irá demonstrar detalhadamente, os caminhos metodológicos escolhidos para responder as inquietações desta investigação; sendo este projeto de pesquisa de caráter qualitativo. O desenvolvimento do mesmo se dará através de pesquisa de campo, estando teoricamente embasado em pesquisa bibliográfica, buscando teóricos e pesquisadores que discutam a importância e a relevância do ensino da Educação Ambiental. Neste trabalho de pesquisa de campo propõem-se uma investigação do cotidiano dos indivíduos localizados no Assentamento Nova Vitória, com a finalidade de entender e compreender as percepções de EA apresentadas pelos alunos da EEEF Margem do Itauninhas.

A partir desta metodologia, o capítulo 04 irá discutir os resultados da pesquisa, relacionando as análises dos conteúdos estudados pelos estudantes, suas percepções e o embasamento teórico apresentado no capítulo 02.

Finalmente, no capítulo 05, considerações finais, este trabalho regressará aos problemas e hipóteses suscitados no início desta pesquisa, relacionando-os aos capítulos desta investigação.

## 2 PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA

Este capítulo assenta-se no entendimento da perspectiva da percepção das categorias de análise da ciência geográfica. Conforme será analisado, distintas representações humanas existem sobre o mesmo ambiente.

A Percepção é a capacidade dos indivíduos, através dos órgãos dos sentidos (visão, audição e tato), absorverem, a partir de um filtro subjetivo, as informações obtidas através dos estímulos emitidos pelos elementos ou objetos que constituem o espaço e a paisagem, permitindo os sujeitos produzir uma interpretação e conseqüentemente uma representação singular do mesmo.

Ainda no século XVIII, Immanuel Kant, teorizou sobre a capacidade do ser humano de interiorizar a visão de mundo, quando identificou no realismo do senso comum a redução da realidade às representações sociais, mostrando não serem os fatos externos ao indivíduo a conduzirem sua vida, mas a inclinação de cada um. Kant reflete ser o conhecimento precedido da experiência:

Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência; efetivamente, que outra coisa poderia despertar e pôr em ação a nossa capacidade de conhecer senão os objetos que afetam os sentidos e que, por um lado, originam por si mesmos as representações e, por outro lado, põem em movimento a nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? (KANT, 2001, P.62).

Kant, assim afirma ser possível a compreensão do mundo através da interação entre três faculdades: Sensibilidade, entendimento e razão, de modo que o pensador entende que esta representação é realizada pelo indivíduo. Esta representação, ordenada em um espaço tempo subjetivo possibilita diversas compreensões do mundo exterior ao indivíduo.

Concordando com Kant, o geógrafo Chinês Yi-Fu Tuan, no século XX, em 1980, diz que a percepção é uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros são bloqueados.



Tuan afirma que cada grupo social possui valores relativos atribuídos a ele em função das experiências coletivas e individuais, sendo que o meio ambiente tem diferentes significados de acordo com os indivíduos.

Yi-Fu Tuan em seu livro *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, apresenta uma forma alternativa para os estudos geográficos que valoriza a relação entre pessoas e o espaço, perpassando pela percepção e representação espacial, as culturas e as relações sociais.

Tuan parte das relações biológicas existentes nos órgãos sensoriais e os gêneros das pessoas e os espaços para externar a influência das culturas sobre as percepções.

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. (TUAN, 1980, P.04).

O autor neste livro proporciona novas perspectivas para os estudos da relação entre humanos e o meio ambiente. Muitos conceitos trabalhados no livro referem-se aos sentimentos nos quais as pessoas se relacionam com o meio ambiente, fazendo deste um lugar.

Segundo Tuan as pessoas têm noções de mundo diferentes de acordo com a cultura na qual estão inseridas. No entanto, a criação de mundos individuais, transcende a cultura, pois considera aspectos subjetivos pessoais como a experiência espacial. “Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares”. (TUAN, 1980, P.06).

Este teórico instiga-nos a refletir e questionar a forma como percebemos, situamos, significamos e idealizamos o mundo que vivemos, para desta forma identificar nossos valores ambientais.

A Tuan é relacionada uma grande contribuição para evolução da geografia humanística. Este geógrafo embasa esta linha científica ao demonstrar como as

diversas formas de se perceber o meio vivenciado permitem o aparecimento de novos valores e ações nos grupos dos sujeitos.

Paul Claval em 1983 vai mais além do pensamento de Tuan (1980), aprofundando está reflexão, dizendo que a geografia da percepção visa muito além da simples compreensão de esquemas de comportamento: ela tenta descobrir aquilo que une o homem á terra, o que enraíza o que dá a sua vivência uma densidade particular (CLAVAL,1983, P. 252).

Infere-se que Claval compreende uma percepção a ultrapassara interpretação superficial do espaço, buscando um entendimento mais profundo e realmente caracterizante do objeto analisado.

A geografia da percepção deve seu interesse atual a emergência dessas interpretações. Ela o deve mais geralmente ao relevo dado a experiência íntima. Seu desenvolvimento corresponde a uma transformação profunda da atitude perante o mundo. (CLAVAL, 1983, P. 253).

Claval explica a percepção da paisagem e da realidade social numa construção da sociedade, e justamente por isto relata que surgirão perspectivas semelhantes nos grupos sociais.

Fica cada vez mais nítido que a percepção não é independente das outras faculdades do ser humano, que ele não poderia ser compreendida como uma função de limiar um controle sobre os inputs recebidos pelo ser, independente de sua inteligência, de suas motivações e de suas preferências. (CLAVAL, 1983, P.250).

Claval ainda demonstra ser objetivo da Geografia da percepção buscar compreender o que acontece a determinada civilização quando este perde o sentido dos lugares, conseqüentemente há relação entre a percepção do mundo e a forma como este se organiza e é experimentado pela sociedade, a partir da percepção surge o domínio do mundo vivenciado.

Estas regras não podem ser percebidas sem a referência ao sujeito: a geografia da percepção se beneficia, assim, da evolução da filosofia científica. (CLAVAL, 1983. P.253).

Seis anos após Claval, em 1989, Roberto Lobato Correia trabalhando com conceitos de caracterização do espaço urbano, em seu livro “O Espaço Urbano”, concorda com Claval (1983), dizendo que a análise do espaço é feita de diferentes modos, de acordo com as diversas correntes do pensamento geográfico. Assim por exemplo o espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Segundo Correia, o mesmo pode ser abordado a partir da percepção de seus habitantes.

Para Correia, outro modo possível de análise, considera-o como forma espacial em suas conexões com outra estrutura social; ou ainda o espaço como qualquer outro objeto social podendo ser abordado segundo um paradigma de consenso ou conflito.

Assim como Correia (1989), também trabalhando a caracterização do espaço urbano e das Cidades, Carlos, em 2007 em seu livro “O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade diz que o lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona como o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida conferindo-lhe sentido.

O habitante vive a metrópole de forma fragmentada, na medida em que sua vida se realiza e se define em lugares passivos de apropriações reais, revelando que trajetos, percursos, ações compõe-se enquanto articulação dos lugares das metrópoles. (CARLOS, 2007, P.43).

Carlos (2007), também concorda com os princípios de Tuan (1980), quando fala que é através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares, um espaço usado em um tempo definido pela ação cotidiana. Neste processo vão se identificando os lugares da vida, marcando, apoiando a relação com o outro. Assim se constrói a tríade: cidadão, identidade e lugar.

É assim que as relações que os indivíduos mantêm com os lugares habitados – através de seus corpos - se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no acidental; momentos do cotidiano dos habitantes em sua relação com os lugares da vida. É desta forma que os lugares vão ganhando sentido através das apropriações vividas e percebidas através do corpo e de todos os sentidos humanos. (CARLOS, 2007, P.43).

Nesta perspectiva, assim como Claval (1983), Carlos (2007) diz que o processo de produção do espaço revela modos de aproximação da realidade social, produto modificado pela experiência no lugar, e a partir dele em sua relação com o mundo. Relação esta que é repleta de múltipla sensação e de ação, mas também de desejo e por conseqüência de identificação com a projeção sobre o outro.

Como o espaço não é para o vivido um simples quadro e como o sujeito vive através de um modo de apropriação, a atividade prática vai mudando constantemente o espaço e os seus significados, marcando e renomeando os lugares acrescentando, por sua vez, traços novos e distintos que trazem novos valores, presos aos trajetos construídos e percorridos. (CARLOS, 2007, P.45).

Seguindo essa mesma linha de pensamento construída por Tuan (1980) e discutida por Carlos (2007), Villar (2008), também afirma que a percepção ambiental pode ser definida pelas formas como os indivíduos vêem, compreendem e se comunicam com o ambiente, considerando-se as influências ideológicas de cada sociedade.

Maia e Guedes (2011), completam o pensamento de Villar (2008) quando afirmam que estudar a percepção e a relação que as populações locais têm com seu entorno, permitem compreender seu nível de abstração e comprometimento com questões relacionadas ao meio ambiente; E, a investigação da percepção nas relações ser humano-ambiente contribui para a utilização menos impactante os recursos ambientais, possibilitando o estabelecimento de relações mais harmônicas entre o homem e o meio.

Voltando o raciocínio para o ano de 1998, Milton Santos em seu livro *Metamorfoses do espaço habitado*, diz que cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico. Desta maneira conseguimos compreender como a geografia estuda as relações que se dão através dos objetos. “Há uma interdependência entre objetos e as relações” (SANTOS, Milton, 1998, P.21).

Segundo Milton Santos a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada. “A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais

válida quanto mais limitarmos os risco de tomar por verdadeiro o que é só a aparência”. (SANTOS, Milton, 1998, P.22).

Este pensamento de Milton Santos mantém-se ainda em consonância com sua fala escrita há dois anos anterior, em 1996, quando em seu livro “A Natureza do Espaço”, diz que o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido. Sendo assim, a através desta leitura, entende-se que para compreender o meio ou espaço é necessário também conhecer os indivíduos que estão nele inserido, pois os tais estão interligados, e a partir desta relação, cada um através da sua percepção formará um conceito e compreensão do mesmo.

Esta concepção de Milton Santos (1996) está em sintonia com a fala de Marcos Reigota (2002), quando defende a não existência de um conceito universal de Meio ambiente, pois o mesmo é uma representação social, ou seja, que cada indivíduo percebe o meio de forma diferente. Desta forma cada coletividade vai ter um ideal próprio de meio ambiente.

“Lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em inteiração. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural construído”. (REIGOTA, 2002, P. 14)

Reigota (2010), diz que as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam sua realidade. Reigota (2010) continua dizendo que o meio ambiente é um espaço determinado no tempo, no sentido de se procurar delimitar as fronteiras e nos momentos específicos que permitem um conhecimento mais aprofundado.

Ele é também percebido, já que cada pessoa o delimita em função de suas representações, conhecimento específicos e experiências cotidianas neste tempo espaço. (REIGOTA, 2010, P. 15).

Com esse pensamento, Reigota (2010), fala da existência de três diferentes formas de percepção do meio ambiente; sendo assim denominadas e classificadas: Naturalista, Interacionista e Antropocêntrica.

Concepção Naturalista: Nesta concepção a definição de meio ambiente pode ser considerada sinônimo de natureza. Na visão naturalista pode-se identificar uma divisão de dois grupos distintos, são eles: “Maneira Espacial e “Elementos Circundantes”.

“Maneira Espacial”: Corresponde ao lugar onde os seres vivos habitam.

“Elementos Circundantes”: Equivale aos elementos bióticos e abióticos, sendo que neste grupo o homem é entendido no seu aspecto biológico.

Nesta percepção de meio ambiente, os sujeitos entendem a EA com um pensamento unicamente preservacionista, onde os conteúdos abordados, em maior parte das vezes, está relacionado a conservação vegetal, a reflorestamento, as espécies animais e vegetais e demais temas do tipo.

Quando denominamos “Naturalistas”, as representações sociais desse grupo consideram que os elementos daquilo que alguns autores dominam como primeira natureza (ou natureza intocável) têm importância muito maior. (REIGOTA, 2010, P. 76 e 77).

O meio ambiente é entendido como natureza. Ele é o lugar onde habitam os seres vivos, sendo que nesses “seres vivos” não se inclui o homem como ser social. O ser humano, dentro dessa representação, aparece como contemplador.

Concepção Interacionista: meio ambiente é entendido como mutável, estando condicionado com as relações humanas. Existe uma relação entre aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos.

Nesta representação os sujeitos reconhecem a interdependência entre os elementos que compõe o meio ambiente, não construindo hierarquias entre os mesmos. Os indivíduos possuem uma preocupação com a sobrevivência do homem, buscando um equilíbrio ecológico.

Esta concepção permite o sujeito compreender o meio ambiente enquanto inteiração complexa de configurações sociais, biofísicas, políticas, filosóficas e culturais

Um lugar determinado e / ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA, 2014, P. 36)

Concepção Antropocêntrica: Nesta concepção e representação, o meio ambiente é visto como espaço a ser utilizado pelo homem como forma de lhe garantir sua sobrevivência. Neste o sujeito entende que o homem está acima de toda a natureza, colocando-o como um ser ou elemento superior a mesma. É permitido ao homem utilizar os recursos naturais de forma ilimitada e onipotente, adjetivando o ser humano como um ser supremo em relação a todos os elementos que compõem a natureza.

Nesta argumentação o ser humano é o ser vivo mais importante do universo e que todos os outros seres vivos têm a única finalidade de servi-lo. (REIGOTA, 2014, P. 16).

Concordando com a concepção de Reigota (2010), o pesquisador deste trabalho, acredita ser interessante identificar nos indivíduos a existência destas três representações do meio ambiente, para então adquirir subsídios que sejam suficientes para sua caracterização. Isto facilitará e permitirá a compreensão e entendimento das diversas formas de representações de espaço, que são externadas por todos os sujeitos ali existentes.

Através da leitura de todos estes teóricos, o pesquisador deste trabalho identificou que mesmo tendo vivido, percebido e estudado o espaço em tempos diferentes, e mesmo utilizando de outras expressões, os tais em sintonia, definem e compreende a percepção, como algo subjetivo dos indivíduos, dos grupos sociais e grupos étnicos, considerando que cada um destes pode perceber o meio, paisagem, espaço e demais objetos da geografia e do ambiente de forma plural, variando de acordo com seus valores culturais, cotidiano e realidade de cada um. Concordam que essa percepção singular deve ser respeitada e considerada no que se diz respeito à conceitualização, caracterização e representação do espaço.

## 2.1 UM BREVE RELATO DA HISTÓRIA DE EA NO BRASIL.

A EA no Brasil surgiu como uma educação não sistematizada, fora do contexto do Estado, antes de sua regulamentação no governo nacional. No Brasil ocorreu um intenso movimento de EA conservacionista até o início da década de 70, sendo motivados pelos movimentos internacionais de cunho ecológico que movimentavam o continente europeu e os Estados Unidos no período dos anos 60 e 70 do século XX.

Inicialmente EA caracterizava-se por movimentos conservacionistas, evidenciando as lutas e movimentos de cunho ecológico, defendendo a concepção de conservação da natureza, com ênfase aos elementos da fauna e da flora.

A partir da década de 1980, começou a se desenvolver um ambientalismo mais crítico, ligado as lutas pela democracia e da cidadania. Suas práticas eram dinamizadas através de ações realizadas por professores, estudantes e ativistas ecológicos. A nível federal o processo que institucionalizou a EA, se deu no ano de 1973 no governo Médici, no qual foi criado a Secretária Especial do Meio Ambiente (SEMA).

Foi no ano de 1981, durante o governo de João Batista Figueiredo, que ficou estabelecido a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA). Dez anos depois, em 1991, no governo de Fernando Collor de Mello, foi criado a Comissão para preparação da “Rio 92”, onde passou a considerar a EA um objeto da Política Ambiental do Brasil.

No ano de 1994 foi criado o PRONEA (Programa Nacional de Educação Ambiental), sendo ordenado pela coordenação de EA do MEC e pelos setores correspondentes do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o IBAMA, responsáveis pelas ações ligadas ao sistema de ensino a gestão ambiental. Em 1995 foi criada a Câmara Técnica temporária de EA no CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente).

No ano 2000 a EA é oficialmente vinculada ao Ministério do Meio Ambiente. Em 2002 ocorreu a regulamentação da lei nº 9795/99 a partir do decreto nº 4281, caracterizando as competências do órgão gestor do Plano Nacional de Educação Ambiental (PNEA). No ano de 2004, a EA passou a fazer parte das orientações Curriculares do Ensino Médio e dos Módulos de EAD (Educação a Distância) e na



EJA (Educação Jovens e Adultos). Neste mesmo ano, o Brasil firmou compromissos de caráter internacional para a implementação do Programa Latino Americano e Caribenho de EA e do Plano Andino Amazônico de Comunicação e EA, incluindo os ministérios do Meio Ambiente e da Educação do país.

No estado do Espírito Santo vale citar que a UFES, Universidade Federal do Espírito Santo, possui um centro de estudos e pesquisas em EA, sendo coordenada pela professora doutora Martha Tristão, pesquisadora que se destaca no meio acadêmico científico em pesquisas sobre EA no estado do ES e do Brasil.

A UFES foi pioneira no estado do ES com relação às ofertas de capacitação e formação em EA. Em 2009, através da modalidade EAD, em parceria com a UAB (Universidade Aberta do Brasil), capacitaram diversos profissionais com o curso Processo Formadores em EA. O processo foi coordenado pela professora Martha Tristão, sendo dinamizado nos pólos UAB encontrados em alguns municípios do ES. O sucesso da primeira oferta foi impactante, subsidiando a justificativa de sua nova oferta no ano de 2013. O pesquisador deste artigo participou deste processo formador atuando enquanto tutor presencial no pólo UAB do município de Pinheiros ES nas duas ofertas.

## 2.2 DISCUTINDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O ensino da EA está previsto pela lei 9.795/99, no qual confirma a presença da EA em todos os níveis da educação básica, permitindo ao corpo discente ter acesso as discussões relacionadas à área ambiental de cunho local, regional e nacional. A EA deve estar presente no currículo da Educação Básica, sendo trabalhados em todas as áreas do conhecimento como conteúdo transdisciplinar e interdisciplinar.

A Lei 9.795/99 estabelece que a Educação Ambiental deva estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, respeitando em suas diretrizes nacionais aquelas a serem complementadas discricionariamente pelos estabelecimentos de ensino (artigo 26 da LDB) com uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais, conforme preceitua o princípio citado no 4º, inciso VII da Lei 9.795/99, que valoriza a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais e nacionais, e o artigo 8º, incisos IV e V que incentivam a busca de alternativas curriculares e metodológicas na capacitação da área

ambiental e as iniciativas e experiências locais e regionais, incluindo a produção de material educativo. (BRASIL, lei 9.795/99, artigo 26).

A EA deve ser tratada como um processo a ser dinamizado por toda a vida, ocorrendo aprimoramento e aquisição de novos conceitos de cunho social e científico. É determinado que o ensino em Educação Ambiental seja iniciado desde a infância, o que implica sua inserção no desenvolvimento da Educação Infantil sem futura interrupção.

A Lei ainda identifica a Educação Ambiental como um processo, ou seja, uma vez iniciado prossegue indefinidamente por toda a vida, aprimorando-se e incorporando novos significados sociais e científicos. Devido ao próprio dinamismo da sociedade, o despertar para a questão ambiental no processo educativo deve começar desde a infância. A determinação para que a Educação Ambiental seja integrada, contínua e permanente implica o início do seu desenvolvimento na educação infantil sem futura interrupção (BRASIL, lei 9.795/99, artigo 26).

Martha Tristão enfatiza em sua fala, concordando com a lei 9.795/99, que a EA em sua abordagem inter ou transdisciplinar, tem como objetivo formar indivíduos sensibilizados com a realidade que os cercam, fazendo uso de uma metodologia em que não se perca a essência humana e transformadora do meio que nos envolve, englobando todos os professores, alunos, comunidade e meio ambiente, em uma dinâmica complexa, sendo resultadas de um novo entendimento sobre os estudos, pesquisas e vivências adquiridas sobre a realidade existente.

(...) tem como objetivo situar o indivíduo no contexto atual, preparando-o para enfrentar os problemas e necessidades da contemporaneidade (...) a Universidade tem um dos desafios mais revolucionários para as próximas décadas, entender-se a si mesma como chamada a dar respostas aos problemas sociais, oferecer alternativas e soluções e formar profissionais destinados a esse compromisso. (TRISTÃO, 2004, P. 82)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997 complementa a lei 9.795/99, falando que as metodologias da Educação Ambiental reforçam a abordagem interdisciplinar, evoluindo para um entendimento de um meio ambiente com tema transversal, da mesma forma que sugere as diretrizes elaboradas pelo ministério da educação, estando em sintonia também com o que diz Tristão (2004).

Tristão (2004) aprofunda esta discussão, defendendo que a EA dever ser inserida e discutida nos currículos da educação escolar, não sendo apenas uma disciplina básica

do currículo, mas sim como tema transdisciplinar e interdisciplinar, envolvendo todas as ciências, sejam biológicas, física e social. Creio que todos os indivíduos devem estar preocupados com a realidade que nos envolve, pois em uma totalidade, estamos inseridos em um mesmo sistema de redes, onde de forma direta ou indireta vivemos as mesmas consequências resultadas do trabalho humano em sua relação com o meio ambiente.

(...) a pedagogia da complexidade abarca os princípios fundamentais da contemporaneidade para a EA: a complexidade, a sustentabilidade, a inter e transdisciplinaridade. Paradigma, de forma inter, multi e transdisciplinar, enfim como argumenta (TRISTÃO, 2004, P.332-333).

Assim, concordando com o pensamento de Tristão (2004) e com o que diz os PCNs e a lei 9.795/99, EA é uma temática muito ampla, não podendo está restrita a apenas uma única área do conhecimento. A mesma, devido a sua importância, deve estar presente em todas as discussões, sendo considerada e vinculada nas diversas ciências conhecidas.

A ênfase na formação em Educação Ambiental é compreendida como uma rede de contextos, como espaços/tempos de formação desde a formação inicial, estendendo-se à vivência, à atuação profissional, a política, a pesquisa, a militância e à participação em cursos, grupos e eventos. Com isso, não desresponsabilizamos as principais entidades formadoras do compromisso com a formação ambiental. Essa concepção já traz implícito um processo educativo e formativo que envolve uma reforma do pensamento e das estruturas. Os caminhos e as ideias tornam-se desafiantes e imprecisos, envolvendo a complexidade da Educação Ambiental e de seus contextos. Essa maneira de pensar a pesquisa, a educação e a formação, envolve o pessoal e se mistura com o teórico, num movimento permanente e contínuo, recursivo do processo permanente de formação. O pensamento transdisciplinar inscreve-se nesta perspectiva de abertura, pois pode ser compreendido como um princípio epistemológico que se apresenta em uma dinâmica processual que tenta superar as barreiras do conhecimento mediante a integração de conceitos e metodologias. Optamos para compreender a transdisciplinaridade por entendê-la como uma abordagem que transcende as disciplinas, que tenta entender o que está além. E, para nós a Educação Ambiental preenche este espaço entre, através e além das disciplinas (TRISTÃO, 2009, p.91-92)

Concordando com Tristão (2004 e 2009), Reigota (2014) diz que:

Do Ensino Fundamental ao Ensino Superior, pode estar presente em qualquer disciplina, pois todas as áreas do conhecimento estão aptas a fornecer especificidades que possibilitem uma melhor compreensão do mundo e da época em que vivemos, visando a participação cidadã, de intervenção, de busca de alternativas e de solução. (REIGOTA, 2014, P. 98).

Tristão (2004) compreende a EA como sendo um valioso campo teórico metodológico, possuindo dimensões políticas e éticas, havendo a possibilidade de articulação de cultura, meio ambiente, cidadania e sustentabilidade, envolvendo todos os indivíduos da sociedade.

Uma educação que vislumbre os princípios e os valores essenciais para a formação de sociedades sustentáveis, baseia-se fundamentalmente numa prática educativa voltada para a emancipação. (TRISTÃO, 2004, P. 67).

Tristão (2004) continua o pensamento dizendo que entende a EA como sendo um meio de superar práticas tradicionais educativas. Defende sua inserção nos conteúdos escolares afirmando ser uma experiência de elevada significância. Para Tristão, o conceito de pesquisa está intimamente ligado a EA, viabilizando reflexões sobre os problemas socioambientais locais, associando ao global, visando soluções que ao menos os amenize, superando práticas educativas antiquadas e ultrapassadas. Tristão diz que a pesquisa associada com a ação, envolvendo toda a comunidade, conduz a solução de problemas, gerando benefícios a toda pesquisa aplicada e realizada.

É preciso aderir aos processos educativos abertos imprevisíveis que aceitem as diferenças, considerem as subjetividades, as diferenças de estilos das culturas para produzir e compreender novos conhecimentos, para enriquecer ou transformar as narrações herdadas. (TRISTÃO, 2005, P.263)

Guimarães (1995) complementa esta ideia de Tristão (2004), dizendo que Equivale então, reconhecer a Educação Ambiental como uma vertente educativa que supere metodologias hegemônicas em escalas diferentes de atuação, seja global ou local, e em plurais temporalidades.

(...) Apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional, trazendo toda uma recente discussão sobre as questões ambientais, e as consequências transformadoras de conhecimento, valores e atitudes diante de uma nova realidade. (GUIMARÃES, 1995, P. 9)

Complementando e concordando com as ideias de Tristão e Guimarães, Reigota (2014), continua dizendo que afirma e define a EA como sendo uma Educação Política, realizando análise das relações econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza, visando à superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos.

“A Educação Ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum. (REIGOTA, 2014, P. 13).

Reigota (2014) continua seu pensamento falando que a EA deve procurar favorecer e estimular possibilidades de se estabelecer coletivamente uma “nova aliança” entre os seres humanos e a natureza e entre nós mesmos, que possibilite a todas as espécies biológicas, inclusive a humana, sua convivência e sobrevivência com dignidade.

A Educação Ambiental deve orientar-se para a comunidade, para que ela possa definir quais são os critérios, os problemas e as alternativas, mas sem se esquecer de que dificilmente essa comunidade vive isolada. (REIGOTA, 2014, P. 18).

Paulo Freire acreditava que por meio da Educação é possível sensibilizar os indivíduos a entender a realidade com um olhar mais crítico, enxergar além das aparências; despertar o desejo de constante busca por uma nova opinião sobre tudo o que se ouve, se vê e se fala, para melhor compreender e se relacionar com o meio a qual está inserido.

A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialógica e ativa, voltada para a responsabilidade social política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. (FREIRE, 1999, P. 60)

Tristão (2004) aprofunda essa reflexão de Freire dizendo que a EA é Uma educação que vislumbre os princípios e os valores essenciais para a formação de sociedades sustentáveis, baseia-se fundamentalmente numa prática educativa voltada para a emancipação,

[...] devendo proporcionar uma discussão e um diálogo aberto com os/as estudantes, fazendo-os/as compreender o significado de serem responsáveis pela produção de sentidos que circulam nas redes de significados e conhecimentos. (TRISTÃO, 2004, P. 67).

Concordando com esta fala de Tristão (2004), Reigota (2014), diz que na EA escolar deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno e a aluna, procurando levantar os principais problemas cotidianos, as contribuições da ciência, da arte, dos saberes populares, enfim, os conhecimentos necessários e as possibilidades concretas para solução deles.

O conteúdo da educação ambiental procura possibilitar ao aluno e a aluna as ligações entre a ciência, as questões imediatas e as questões mais gerais, nem sempre próximas geográfica e culturalmente. (REIGOTA, 2014, P. 64).

Santos (2007) diz que o longo dos anos a EA tem sido cogitada e adotada como uma das ações capazes de transformar o padrão de degradação socioambiental vigente na sociedade, sendo o ambiente escolar um espaço importante de formação cidadã com justiça social e qualidade ambiental. Estamos vivendo uma crise civilizatória e um período marcado por uma transição paradigmática e identificamos a urgência do ser humano de rever valores para assim rumarmos em direção a novos paradigmas de justiça social e ambiental

[...] tem que resgatar os princípios éticos de uma convivência de justiça. Não há equilíbrio na natureza se não houver equilíbrio na sociedade, se a exclusão social, a fome, a injustiça, a desigualdade e a falta de renda não forem combatidas (SANTOS, 2007 P.12).

Coesa à reflexão de Santos (2007), Tristão (2004) vem complementando a ideia, explicando que a escola contemporânea, estando conectada ao período a qual vivemos, representa um espaço fértil para cultivarmos práticas e valores ligados em uma proposta pedagógica que permita o diálogo e o respeito à diversidade em todos os seus inúmeros formatos e configurações, seja eles culturais, religiosos, sociais etc. Com esse pensamento, compreendo a Escola como sendo um espaço social-educativo, capaz de promover práticas diárias e propostas sustentadas na sustentabilidade. Acredito que isto contribuirá para a formação de uma escola Sustentável, estimulando saberes e fazeres sustentáveis.

É papel de a universidade evitar as cegueiras paradigmáticas e reconhecer nessa transição o princípio da incerteza e a oportunidade de desenvolver uma educação para um futuro sustentável. (TRISTÃO, 2004, P. 82)

Desta forma, Guimarães (1995), diz que na atualidade é perceptível enxergar que a EA já é trabalhada por diversos educadores em nosso estado e também no país, pois a partir das últimas décadas a Educação Ambiental vem se propagando no espaço escolar nacional. Hoje existe uma base científica fundamental teórica que estrutura a Educação Ambiental trabalhada na contemporaneidade.

Porém, Tristão (2004) vem externando que existe a necessidade de se vencer alguns desafios com a relação ao significado de EA na concepção de alguns sujeitos, no qual associam a EA a algo pontual, tratando-a como um movimento meramente ou exclusivamente de cunho ecológico e ambientalista, associando a EA a um movimento artificial, repetitivo e mecânico, não existindo criticidade e reflexão sobre as consequências de toda ação antrópica na sociedade e meio ambiente.

O cenário epistemológico atual é uma imbricada rede de conhecimentos que se cruzam, entrecruzam, extrapolando arcaicas fronteiras e provocando incertezas em relação ao nosso saber, de maneira que o modelo tradicional de conhecimento está aquém das curiosidades epistemológicas que perpassam a realidade complexa e suas interações. (TRISTÃO, 2004, P.86).

Em sintonia e complementando as reflexões de Tristão (2004), Reigota (2014) diz:

Muitos parques e reservas ecológicas, assim como os movimentos ambientalistas, oferecem atividades de educação ambiental às escolas. Algumas dessas atividades baseiam-se na transmissão de conhecimentos científicos e na conscientização para a conservação da natureza. Essas atividades têm seu valor, mas se não abordam os aspectos políticos, econômicos culturais e sociais, não podem ser considerados educação ambiental, mas sim ensino de biologia ou ecologia. (REIGOTA, 2014, P. 49).

Concordando com Tristão e Reigota, Santos (2007) complementa a idéia dizendo que a não valorização da coletividade para a construção de uma cultura frente à problemática socioambiental, incentiva o aparecimento de uma ecologia dos saberes, limitando todo o trabalho da EA em meros movimentos de cunho social homogêneo.

Sobre esses desafios, Tristão diz ser evidente que representa um aspecto de fragilidade no que se diz respeito às verdadeiras concepções da EA, sendo um grave

problema, pois a EA que pretende ser evidenciada está voltada para uma educação que desenvolva o espírito de criticidade e reflexão, formando opiniões e mentes não dependes de conceitos já estabelecidos por alguém.

Tristão (2004) fala que uma educação para a formação de valores sustentáveis ocorre para além da escola. Sem o empenho do conjunto da sociedade, em direção à sustentabilidade, a escola tende a reproduzir a cultura da insustentabilidade

[...] devendo proporcionar uma discussão e um diálogo aberto com os/as estudantes, fazendo-os/as compreender o significado de serem responsáveis pela produção de sentidos que circulam nas redes de significados e conhecimentos (TRISTÃO, 2004, P. 67).

Tristão continua seu pensamento, dizendo que estes empecilhos devem ser ultrapassados, propondo uma reflexão sobre os sentidos produzidos, chegando a um conhecimento que poderá ser produzido através de redes de relações; e ainda segundo a mesma, outro obstáculo, o de superar a pedagogia das certezas, alcançando à pedagogia da complexidade, sobrepondo-se a lógica da exclusão, em busca de uma sociedade sustentável. Tristão enfatiza a importância da relação escola-comunidade e da EA,

A EA propõe a quebra de fronteiras entre as disciplinas e subverte a lógica dicotômica que separa a cultura popular de cultura de elite a cultura da natureza a cultura política e outras disjunções do pensamento moderno. Assim convida-nos a pensar nos múltiplos espaços/tempos de formação em que o saber é constituído. (TRISTÃO, 2007, P. 143).

A sociedade só conseguirá ser mais sustentável quando os indivíduos que estão inseridos nessa estrutura humana que chamamos de civilização, entender que o ser humano é somente uma das diversas partes que estão integradas, formando exatamente tudo o que está ao nosso redor, não existindo, o que por muitos anos foi ensinado em nossa cultura, que ser Humano e Natureza são dois elementos distintos, e que sozinhos podem existir separadamente.

A íntima relação entre território, recursos naturais e conhecimento tradicional poder-se-iam inferir estratégias de defesa de acordo com os hábitos dos povos. Nesse sentido, considera-se que os conhecimentos desenvolvidos pelas comunidades indígenas, afro-americanas e camponesas são resultado de milhares de anos de observação que pertencem ao presente e às futuras gerações de um modo coletivo. O conhecimento tradicional não pode ser



separado da biodiversidade porque faz parte dela (...) (SANTOS, 2005, P. 300).

Milton Santos (1994) em seu livro *Técnica, Espaço, Tempo*, em sintonia com as ideias de Santos (2005), diz que o ser humano é um elemento da natureza assim como as rochas, rios, oceanos, vegetação, etc., no qual toda transformação nela ocorrida sendo de origem antrópica ou não, continua sendo natureza, sendo uma natureza transformada, enumerando níveis de transformação, classificando-a em natureza primária, secundária, terciária, até atingir a realidade atual.

Considerando o exposto até o momento, percebe-se que não existe um conceito universal que caracterize a EA em toda sua amplitude, mas concordando com as contribuições dos teóricos aqui citados, pode-se afirmar que a EA é um processo educativo que objetiva formar indivíduos preocupados com os problemas ambientais, conduzindo-os para um pensamento crítico, relacionando às questões do meio com a realidade da vida cotidiana, discutindo novos temas relacionados à sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, abordando aspectos econômicos, sociais, políticos, ecológicos e éticos.

Continuo a afirmar que a educação ambiental não é uma disciplina, mas sim uma perspectiva pedagógica e política. (REIGOTA, 2014, P. 93).

A EA busca através de um trabalho formativo, sensibilizar os sujeitos para entender sua vida, sua realidade, para melhor interagir em seu cotidiano. A EA tem que fazer parte do dia a dia dos indivíduos, das ações escolares e das práticas pedagógicas. Caso isto ocorra apenas em dias específicos do ano, tais como o dia da terra ou o dia do meio ambiente, teremos uma EA limitada, pontual e mecanizada, não existindo criticidade, continuidade de pensamentos e muito menos produção de conhecimentos, saberes e fazeres dos sujeitos.

A Educação Ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação que conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental. (REIGOTA, 2010, P. 11).

Através do trabalho da EA, é possível os sujeitos obterem uma nova visão de mundo, compreendendo-o e interpretando-o de forma mais clara e efetiva. Isto permitirá a formação de seres humanos comprometidos com a construção de uma sociedade equilibrada nos sentidos econômico e ambiental, caminhando para um desenvolvimento sustentável.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo descreve como o trabalho foi desenvolvido, elencando os instrumentos e o tipo de pesquisa realizada. Este percurso metodológico assegurou os critérios, a veracidade das informações que foram realizadas nesta pesquisa e os seus respectivos resultados.

Este trabalho de pesquisa é de caráter qualitativo. Os dados e informações adquiridos através deste, foram providos através de pesquisa bibliográfica, como também a partir de pesquisa de campo. O referencial teórico foi buscado em primeiro momento utilizando-se de material já elaborado, tendo reconhecimento científico pela academia, sendo composto basicamente por livros e artigos científicos. Através desta pesquisa bibliográfica, foi fundamentada toda a concepção teórica, buscando teóricos que versam sobre a temática proposta.

O espaço tempo desta investigação foi o ambiente escolar da EEEF “Margem do Itauninhas”, a pesquisa ocorreu no período do dia 11/09 a 15/09 de 2017. A escola está localizada em uma comunidade rural, especificamente no Assentamento “Nova Vitória”. A escola é mantida pelo governo do Estado do Espírito Santo. A mesma oferta todas as séries do ensino fundamental 1 e 2. Sua população discente absoluta é de 80 alunos. Os sujeitos que compõe a comunidade Nova Vitória, e o corpo discente da EEEF Margem do Itauninhas, apresenta um histórico de vida marcado pela participação do Movimento Sem Terra (MST), onde foram contemplados com uma propriedade de terra com cerca de 4 alqueires. A realização deste trabalho de pesquisa focou-se nos alunos e na professora da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano escolar da EEEF Margem do Itauninhas.

Com relação aos materiais e métodos que foram utilizados, dinamizou-se aplicação de questionário, entrevista e a observação dirigida das aulas práticas dinamizadas pela professora em sala de aula, possuindo o roteiro anexado nos apêndices deste documento, da forma como propõe Trivinos (1987).

A entrevista foi semi-estruturada, composta por 05 questões, possuindo clareza e objetividade. Para Trivinos (1987), a entrevista estruturada ou fechada, pode ser um meio do qual precisamos para obter as certezas que nos permitem avançar em novas investigações.

“As ideias expressas por um sujeito numa entrevista, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar profundamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial que originou o estudo”. (TRIVINOS, 1987, P.137.)

Assim apoiada nesta concepção de Trivinos (1987), foi elaborada a entrevista, contendo 05 perguntas direcionadas ao sujeito envolvido na pesquisa, a professora da sala multisseriadado 3º, 4º e 5º ano escolar, estando presente no apêndice deste trabalho de pesquisa.

As perguntas existentes na entrevista que foi realizada com a professora conduziram a este pesquisador atingir o primeiro objetivo específico deste trabalho, que é de identificar o embasamento teórico utilizado pela mesma no que tange o ensino da EA em sala de aula.

A observação dirigida se caracterizou pelo acompanhamento de 05 aulas presenciais em sala de aula. Trivinos (1987), diz que a observação livre ou dirigida, estando estruturada, é capaz de ser útil para evidenciar, na prática, certos comportamentos que nos interessam colocar em alguma perspectiva. Foi construído através desta observação um relatório descritivo das aulas e conseqüentemente a análise do mesmo.

Através desta observação atingiu-se o segundo objetivo específico desta pesquisa, o de analisar o embasamento teórico explicitada pela professora na entrevista, com sua prática exercida em sala de aula com os alunos.

O questionário foi produzido possuindo 05 perguntas abertas, que conduziu os alunos da sala multisseriadada do 3º, 4º e 5º ano a externarem suas percepções de meio ambiente que foram adquiridas a partir das aulas dinamizadas em sala de aula,

estando no apêndice desse documento. Trivinos (1987), diz que sem dúvidas alguma o questionário pode caracterizar um grupo de acordo com seus traços gerais.

Através das informações coletadas e obtidas através deste questionário, foi possível atingir o terceiro objetivo específico deste trabalho, o de relacionar essas percepções com as três formas de representações de meio ambiente discutida por Reigota (2010).

Os dados adquiridos através dos questionários e do relatório descritivo das aulas foram organizados, analisados e interpretados. O resultado adquirido após a dinamização de todo este processo, foi ilustrado em forma de gráficos e tabelas produzidos com a finalidade de fundamentar todas as informações levantadas, alcançando o objetivo geral proposto neste trabalho de pesquisa.

### 3.1 CRONOGRAMA

Segue o cronograma do percurso metodológico neste subtítulo, contendo as tabelas 1 e 2 ilustrando a organização de todas as ações que foram realizadas durante a dinamização desta pesquisa de dissertação.

Tabela 1 - Ações realizadas na pesquisa

<b>Nº</b>	<b>ATIVIDADE</b>
01	Pesquisa bibliográfica
02	Preparação da entrevista a ser feita com a professora atuante da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS.
03	Entrevista com a professora da sala multisseriadado 3º, 4º e 5º ano da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS
04	Acompanhamento presencial das aulas em sala com os alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS.
05	Produção do relatório descritivo das aulas presenciais em sala com os alunos da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS
06	Elaboração do questionário a ser aplicado aos alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano escolar da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS
07	Aplicação do questionário a ser entregue a alguns alunos da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS
08	Organização das informações coletadas e adquiridas durante o percurso da pesquisa.
09	Produção dos gráficos com os dados coletados dos questionários e relatório.
10	Construção da dissertação

11	Entrega da dissertação
12	Defesa

Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Tabela 2 - Cronologia das ações dinamizadas

2017																															
MESES	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
AGOSTO	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01
SETEMBRO	02	02	02	02	06	06	06	03			04	04	04	04	04	05	05	05	05	07	08	08	08	08	08	08	08	08	08	08	08
OUTUBRO	09	09	09	09	09	09	09	09	09	09	09	09	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
NOVEMBRO	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	11		12						
DEZEMBRO																															

Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos Pinheiro (2017)

## 4 APRESENTANDO A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARGEM DO ITAUNINHAS

A EEEF Margem do Itauninhas está localizada na comunidade rural do Assentamento Nova Vitória, pertencente ao Município de Pinheiros ES. A escola é mantida pelo governo do estado do Espírito Santo, estando subordinada a superintendência regional de educação situada no município de Nova Venécia, que por sua vez está ligada à Secretária Estadual de Educação do Espírito Santo (SEDU). Segue a foto 01 ilustrando a fachada da escola.

Foto 01 – Fachada da EEEF Margem do Itauninhas



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

A estrutura física da escola conta com um refeitório, cozinha, sala de professores, dois banheiros destinados aos alunos, um para o sexo feminino e outro para o masculino, mais um banheiro específico para os professores. Possui um laboratório de informática e uma sala de leitura. Escola conta também com quatro salas de aula, um pátio interno, biblioteca e mais um almoxarifado. As fotos dessas dependências estão acessíveis anexas a esta pesquisa.

Em um terreno localizado aos fundos da escola, foi construída uma horta orgânica, sendo cuidada pelos alunos com a orientação dos professores. A horta está construída em forma de mandala, (significado em anexo), onde são cultivados produtos de hortaliças, tais como: Alface, coentro verde, cebola verde, couve, quiabo dentre outros. Segue foto 02 ilustrando a presença da horta existente na escola.

Foto 02 – Horta existente na EEEF Margem do Itauninhas



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Atualmente a escola possui 80 alunos matriculados e 04 turmas, sendo uma turma multisseriada de 1º e 2º ano, outra turma multisseriada de 3º, 4º e 5º ano, uma turma de 6º e 7º ano e uma turma de 8º e 9º ano. As aulas ocorrem de segunda à sexta-feira, no período matutino e duas vezes na semana, especificamente na terça-feira e na quinta-feira, estudam no período vespertino.

A escola conta com 12 professores, sendo 02 professores de Base Núcleo Comum (BNC), 01 geografia, 01 história, 01 ciências, 01 matemática, 01 artes, 01 inglês, 01 língua portuguesa, 01 agropecuária, 01 educação física, 01 AEE, e 01 coordenador pedagógico, totalizando 13 profissionais responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem. Grande parte destes profissionais são moradores do assentamento,



ou possuem alguma relação com atividades rurais ou um histórico profissional ligado a linhagem agrícola.

O corpo discente é composto em quase totalidade por sujeitos pertencentes ao espaço rural, sendo a maior parte oriunda do assentamento “Nova Vitória”, e das demais comunidades rurais circunvizinhas, tais como: São Domingos, Olinda 01, Olinda 02 e outros.

Além de serem trabalhados os conteúdos curriculares obrigatórios dentro de cada disciplina, são introduzidos temas voltados para a agricultura, sendo marcante a presença de valores ligados a importância da terra, da produção agrícola e do trabalhador rural.

O cotidiano da escola é planejado semanalmente, sendo eximamente organizado. A mesma está subdividida em núcleos, sendo que cada um destes é responsabilizado por uma determinada ação ou tarefa a ser dinamizada na escola. Essas incumbências direcionadas aos núcleos que são compostos tanto por alunos quanto professores, variam desde a organização do momento do recreio até mesmo a apresentação de um projeto educativo planejado internamente.

Os princípios e pensamentos que fundamentam as ideologias sustentadas pela reforma agrária estão notoriamente presente na formação ofertada a todos os alunos da escola Margem do Itauninhas. Mesmo porque, alguns sujeitos que atualmente possuem uma propriedade ou é morador da comunidade, outrora foi integrante, ou mesmo descendente desses integrantes, dos movimentos ligados ao MST (Movimento dos Sem Terra). O assentamento “Nova Vitória” foi fundado basicamente por indivíduos que receberam uma propriedade de 4 alqueires mediante sua participação ao MST. Atualmente boa parte dessas propriedades foram passadas para membros da segunda geração, como também foram vendidas para terceiros.

De acordo com a direção escolar, a Escola Estadual Margem do Itauninhas, muito tem contribuído para a instrução de indivíduos que detém perspectivas para engajamento na atividade agrícola e rural. Está também preocupada em realizar um trabalho educativo que garanta uma formação crítica e libertadora dos sujeitos, permitindo aos

mesmos a condição e a possibilidade de interagir na sociedade de forma ativa e plena, conhecendo seus direitos e deveres enquanto cidadãos, como também acesso total a sua cidadania.

#### 4.1 ACOMPANHANDO O COTIDIANO ESCOLAR DOS ESTUDANTES

A pesquisa no espaço escolar ocorreu no período de 08 de setembro ao dia 15 de setembro de 2017. Antes, porém, houve um contato entre o pesquisador e a direção, para solicitação da pesquisa naquele ambiente de educação.

Na EEEF Margem do Itauninhas, os trabalhos são iniciados a partir da 07:00. Todos os dias, antes da entrada para as salas de aula, é realizada uma acolhida no espaço do refeitório com todos os alunos. Neste momento é cantado um hino cívico, sendo alternado um a cada dia da semana. Após o hino, é realizada a dinamização das “Ordens de Comando”, sendo uma espécie de verbalização de “frases de efeito”, como meio de externar a importância do trabalho realizado na escola por todos os funcionários e alunos envolvidos. O quantitativo de alunos existente em toda a escola é subdividido em grupos, que por eles são denominados de “Núcleos”. São 03 núcleos e cada um deles possui um codinome e uma voz de comando específico. São eles: Girassóis do Campo, Protetores do Meio Ambiente e Agroecologia. Seus respectivos comandos são:

Girassóis do Campo: “Girassóis do Campo, crescendo com saúde, alimentação saudável, cuidando do nosso mundo”.

Protetores do Meio Ambiente: “Proteger o ambiente, crescendo saudável, para termos saúde e liberdade”.

Agroecologia: “Agroecologia ajudando o ambiente, uma opção de vida e agindo consciente”.

Nesta escola é notória a grande agregação de valor e importância dada à agricultura, a terra, ao meio ambiente e aos movimentos apoiadores da reforma agrária. Isto pode ser percebido não somente pela exposição oral dos sujeitos ali encontrados, mas

também através dos elementos que compõe os espaços da escola. A seguir as fotos 03 e 04 de quadros expostos em partes das dependências da escola que ilustram a informação citada neste parágrafo.

Fotos 03 e 04 - Quadros expostos nas dependências da EEEF Margem do Itauninhas



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Este momento externo costuma durar em torno de 10 minutos. Após seu término, os alunos são conduzidos às suas respectivas salas de aula, dando continuidade ao período de estudos.

Nos dias de observação no espaço da sala multisseriada, objeto de pesquisa deste trabalho, pode-se perceber certa rotina estabelecida. O primeiro momento do dia, sempre é iniciado com a leitura de texto. Após a leitura do texto realizado de forma oral, em coletivo, a professora media um debate reflexivo sobre a temática explorada no mesmo. Percebe-se que existe um diálogo do conteúdo do texto com a vida prática e do cotidiano dos alunos, buscando correlacionar as informações do texto com a realidade destes sujeitos. Com o fim das discussões é iniciado um período de 20 minutos de leitura silenciosa para todos os alunos. São distribuídos livros de histórias de variados contextos e conteúdos.

Logo após o momento de leitura silenciosa, a professora regente faz uso da dinamização de música na aula para introduzir um novo assunto. Na maior parte das vezes, as músicas utilizadas possuem mensagens que transmitem um sentimento de valorização da terra, da agricultura, da reforma agrária e do meio ambiente. As crianças são convidadas a se levantarem e todos juntos começam a cantar e gesticular de acordo com o ritmo e a letra da música. A seguir fotos que registram esses momentos vividos na sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano da EEEF “Margem do Itauninhas”. Segue fotos 05 e 06 ilustrando a descrição citada neste parágrafo.

Foto 05 - Momento de utilização de música na aula.



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Foto 06 - Momento de utilização de música na aula.



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Após esse momento de motivação gerada pela música, a regente sempre introduz um conteúdo novo. Dentre os dias observados, será descrito neste relatório uma aula que ocorreu na disciplina de geografia. Neste dia a professora da classe trabalhou o tema “Biomassas do Brasil. Para a dinâmica do mesmo, a professora fez uso de multimídia. A regente trabalhou os conceitos de ecossistema e de biomassas, caracterizando os biomas existentes no Brasil. Através de slides ilustrou cada bioma, dando noção de suas características geofísicas para os alunos.

Durante a explanação da professora, notou-se uma preocupação em correlacionar o conteúdo explorado com a realidade dos alunos em seu local de vivência, que é a comunidade rural do Assentamento Nova Vitória. Ocorreu a participação dos alunos envolvendo perguntas e depoimentos pessoais de suas experiências vividas em seu cotidiano familiar.

Foram introduzidos temas atuais e polêmicos na discussão, tais como a proposta do Presidente Michel Temer, de evidenciar seu desejo em vender parte da Amazônia para outros países do mundo.

A professora apresentou os estados brasileiros que compõe a Amazônia, identificando-os com o uso de um mapa. Foi notória a empolgação, a inteiração e a participação das crianças. Segue foto de uma das aulas expositivas da professora regente da sala do 5° ano da EEEF Margem do Itauninhas. Segue foto 07 ilustrando uma das aulas ministradas pela professora Regente.

Foto 07 - Momento de aula expositiva



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

A professora, objetivando explicar o conteúdo, baseou-se fundamentalmente no livro didático disponibilizado pela instituição, como também outras fontes de pesquisa, tais como revistas, sites da internet, jornais etc. O livro que é usado pela professora como também pelos alunos, faz parte de uma coleção de livros intitulados “Girassol” publicados pela editora FTD. De acordo com a Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo, esses livros didáticos trabalham com uma linguagem acessível ao entendimento dos alunos, trazendo conteúdos que se adéquam a grade curricular exigida.

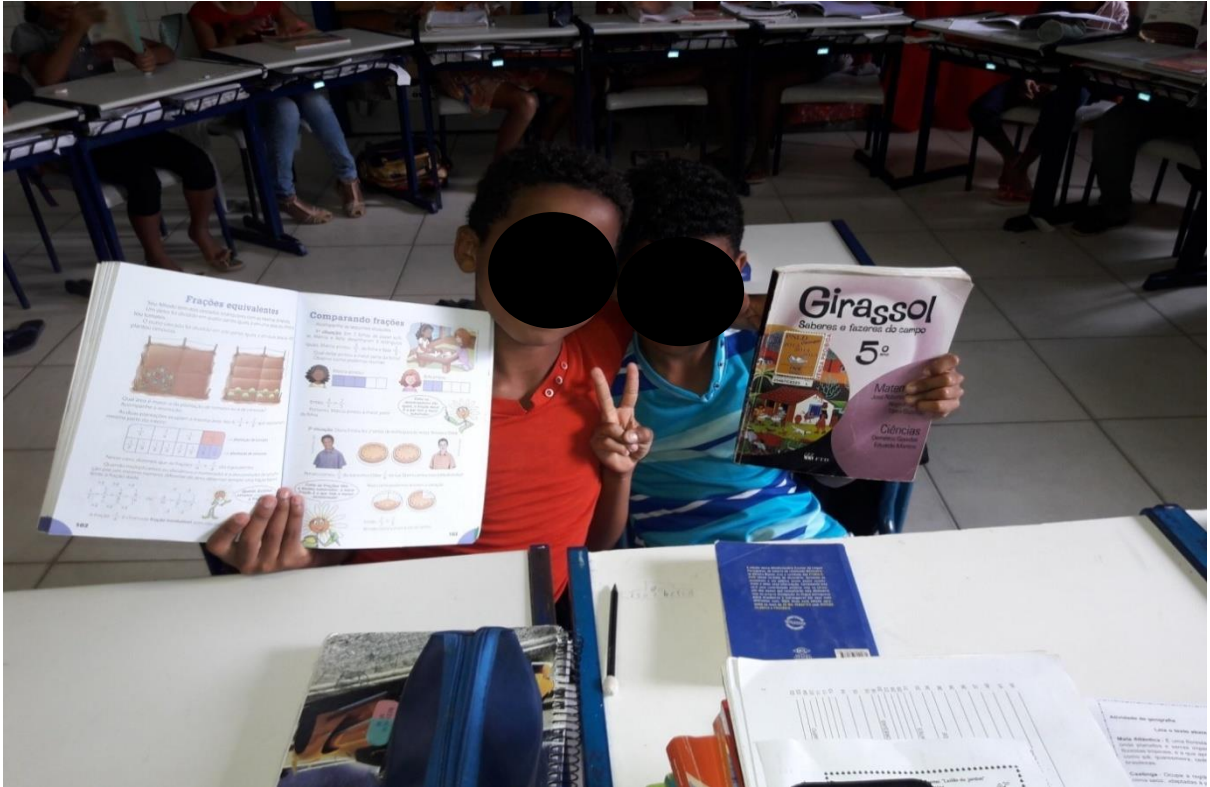
Identificou-se no trabalho da professora, a dinâmica, de através do conteúdo contido nos livros didáticos, trazer a temática das questões do meio ambiente, viabilizando sempre uma discussão e uma correlação com a realidade dos alunos. Após a inserção de cada conteúdo, era comum os alunos se organizarem em grupos para leitura do conteúdo existente nos livros didáticos disponibilizados para eles. Segue fotos ilustrando esses momentos de acesso ao conteúdo teórico dos livros feito pelos alunos através do material disponibilizado. A seguir fotos 08, 09 e 10 ilustrando o Momento de leitura e acesso ao livro didático.

Foto 08 – Momento de leitura e acesso ao livro didático



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Foto 09 - Momento de leitura e acesso ao livro didático



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Foto 10 - Momento de leitura e acesso ao livro didático



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)



Após a exposição e leituras dos conteúdos, a professora regente sempre propunha algumas atividades para fixação dos mesmos. Eram propostas atividades bem contextualizadas, estimulando o raciocínio e o pensamento crítico dos alunos. Fortalecendo a prática de interpretação de textos e de outras formas de linguagens não verbalizadas. As questões debatiam realidades existentes tanto no contexto social quanto no ambiental, relacionando as problemáticas ambientais com as questões sociais, políticas e econômicas.

Durante a realização das atividades feita pelos alunos, a professora regente dá início a um processo de acompanhamento dos grupos, orientando e contribuindo para a interpretação das questões propostas nos exercícios, observando a dinamização das tarefas, conferindo grupo por grupo.

Depois que os alunos concluem as atividades propostas, a professora inicia um momento de correção das mesmas. Esta correção sempre se dá de forma oral e coletiva, onde cada aluno espontaneamente externa suas respostas, compartilhando-as com os demais alunos da sala. Ocorre um momento de debates e discussões sobre os diversos pontos de vistas e opiniões. Percebe-se um momento produtivo e relevante neste processo de ensino aprendizagem adotado pela professora regente.

Ao final de cada aula, a professora regente passa as atividades a serem feitas em suas casas, que é chamado por eles de “Para Casa”, já servindo de uma prévia para a aula do dia posterior. Desta forma costuma serem dinamizados e encerrados os dias letivos na sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano escolar da EEEF Margem do Itauninhas.

#### 4.2 CONHECENDO AS PERCEPÇÕES ESPACIAIS DA PROFESSORA

A professora regente da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano da EEEF “Margem do Itauninhas”, possui graduação em pedagogia, biologia, especialização em educação no campo e atualmente está cursando uma nova licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Ao ser perguntado a professora qual era o conceito de meio ambiente trabalhado por ela em sala de aula, a mesma respondeu dizendo:

“Em geral, o meio ambiente é tudo! É nossa casa, é nossa vida, por onde agente passa. Agente tenta trabalhar esse lado mais abrangente de meio ambiente; Não só na semana do meio ambiente, mas sempre estamos lembrando”. (PROFESSORA A, 2017)

Percebeu-se durante as observações da professora uma concepção crítica do meio ambiente, onde a mesma deixa subentender que percebe o meio ambiente como um espaço de interação de mutua dependência entre o ser humano e a natureza. De acordo a essa interpretação, pode-se dizer então que a percepção de meio ambiente representada pela professora se encaixa nos moldes de uma visão Interacionista, de acordo com Reigota (2010).

Essa concepção de meio ambiente demonstrada pela professora ficou bastante nítida a partir de suas falas, referentes às perguntas que eram feitas. Quando perguntado a ela se a escola realizava algum projeto sobre meio ambiente, sua resposta foi à seguinte:

“Há um projeto! Mas têm vários temas que eles estudam. Através dos temas geradores, que abordam esta questão ambiental. Por exemplo: a turma do 4º ano no segundo trimestre foi à produção no assentamento. Quando agente toca na produção, agente vai ver quais são os cuidados que estamos tendo com a produção. Estamos produzindo que alimentos? Com que qualidade? Para quem? O que nós estamos oferecendo de alimentos? Agente precisa de cuidados com ele! nós estamos devolvendo para a terra o que nós retiramos? Quais são as práticas? Então agente aborda dentro dos temas geradores, onde os estudantes fazem esse intercambio com a realidade e desenvolvem práticas voltadas para esta questão ambiental.” (PROFESSORA A, 2017)

Através da análise destas observações, percebe-se que a professora tem a preocupação e o cuidado de se trabalhar os conteúdos dos temas geradores de forma crítica e libertadora, não se limitando apenas em uma teoria abstrata, mas viabilizando reflexão e discussão a mesma, dando-lhe um significado real, possibilitando através da prática, uma correlação do conteúdo teórico com a vida cotidiana dos alunos. Essa prática do ensino da Educação ambiental se adéqua com as falas expressas dos teóricos utilizados no capítulo 02 deste documento, tais como Tristão, Reigota e Santos.

Percebeu-se também que a professora entende que a educação ambiental não é uma disciplina específica, ou um conteúdo específico, mais sim um tema transversal e interdisciplinar, devendo ser discutido e trabalhado por todas as áreas do conhecimento, da mesma forma que é falado por Tristão e Reigota. Isto se torna nítido quando foi perguntada a professora se a educação ambiental era trabalhada em alguma ou algumas disciplinas específicas da grade curricular, e a mesma respondeu da seguinte maneira:

“Geralmente é dentro de todas as disciplinas. Agente trabalha um texto, exemplo: A água pode acabar. Dá para trabalhar a questão ambiental e interpretação de texto Matemática, envolvendo cálculos; Geralmente tentamos trabalhar envolvendo todas as disciplinas, não tem um foco específico; Ciências, que às vezes, agente aprofunda algumas temáticas tipo: fundamentos sobre a água; Mas em geral perpassa por todas as disciplinas. Conseguimos fazer esse diálogo com as disciplinas para poder relacionar essa questão ambiental”. (PROFESSORA A, 2017).

Mediante a algumas respostas dadas pela professora, percebeu-se também que a mesma, agrega grande importância e relevância a temática ambiental, buscando meios e não medindo esforços para proporcionar aos alunos um trabalho educativo eficiente, crítico e libertador no que se diz respeito às questões do meio ambiente, entendendo e reconhecendo o ensino de educação ambiental como um processo formador contínuo, algo que tem que ser trabalhado no cotidiano, durante todos os dias de nossas vidas. A seguir um trecho de uma de suas falas expostas na entrevista disponibilizada nos apêndices deste documento.

“Gostaria de reafirmar essa questão ambiental! Para você trabalhar a formação do estudante, é um processo; Às vezes muito lento; Às vezes agente não tem muita paciência para esperar, mas que a gente deve continuar plantando a semente; Cuidando, relembando sempre, trabalhando isto; Não deixar esse tema se acabar, estando sempre fomentando essa chama. Porque é a nossa vida né! O meio ambiente é tudo o que nós temos! Eu tento muito trabalhar isto com eles: é uma questão de sobrevivência, ou agente cuida ou agente cuida, não existe outra opção! Eu constantemente brigo: tem que catar o lixo ali fora! E os alunos perguntam por que tem que catar? Ai eu respondo: porque a gente tem que cuidar da terra? Agente tem músicas; Agente tem vídeos; Agente trabalha sempre nessa dinâmica; Assim, tentando trabalhar a sensibilização! Como eu falei né! É um desafio de cada dia e de cada minuto; As crianças às vezes têm certos pensamentos: Eu posso sujar, pois vai ter sempre alguém para limpar. Isto é meio que geral nas escolas; Isto tem que ser desconstruído! Eu tenho que cuidar, pois é um espaço onde estudo; É um ambiente que faço parte! Eu tenho que sentir que faço parte deste ambiente. Acha que quando você se acha parte do ambiente você consegue despertar esse cuidado! Você é o ambiente também!” (PROFESSORA A, 2017).

Através da entrevista foi possível também identificar que a escola busca envolver a comunidade nos assuntos e projetos desenvolvidos pela escola, buscando valorizar e intensificar essa relação, procurando através da coletividade realizar projetos e atividades que buscam a melhoria e avanços no que tange a própria comunidade escolar quanto os demais espaços que compõe o Assentamento “Nova Vitória”, onde se encontra a Escola Margem do Itauninhas. A seguir trecho da entrevista onde a professora responde sobre como é o envolvimento da comunidade coma escola.

“Quando agente junta as crianças para fazer uma atividade na comunidade, geralmente a comunidade vem! comunidade é chamada sempre quando agente faz um mutirão! Como eu falei, eles não vêm em sua totalidade, que é difícil você fazer uma atividade que venha todo mundo; Mas vem um grupo que sempre se agarrou a escola, dando sua contribuição neste sentido das atividades propostas”. (PROFESSORA A, 2017).

Com relação ao embasamento teórico utilizado pela professora, não foi identificado à presença ou a utilização de um teórico ou mesmo um autor e pesquisador na área de educação ambiental que fosse específico. A professora relatou que a mesma faz uso de uma coleção de livros que são disponibilizados pela instituição. Estes livros fazem parte de uma coleção denominada de “Girassol”, livros didáticos que a mesma diz ser apropriada exclusivamente para a educação do campo. Os livros trazem os conteúdos das disciplinas curriculares tais como geografia, história, ciências, matemática, português e outros. De acordo com a professora dentro desses conteúdos trazidos por esses livros, é possível trabalhar a questão ambiental e os temas discutidos pela Educação Ambiental, fazendo uma correlação dos mesmos com esta temática. No apêndice deste documento encontram-se fotos dos livros didáticos utilizados pelos alunos e professora. Além disto, a professora também externou que faz uso de outras fontes de pesquisa, tais como revistas, jornais, sites da internet, blogs dentre outros. Segue trecho da entrevista da professora, quando fala sobre qual é o material didático utilizado por elas nas aulas de educação ambiental.

“Não temos um livro específico! Usamos a coleção de livros com o tema “Girassol”, que é uma coleção do campo. E além dos livros, agente usa também outras fontes de pesquisas para trabalhar o tema: música, xote ecológico! Trazemos pessoas como Chico Mendes, que cuidou do meio Ambiente! A Doroti, que são pessoas que nos servem de espelho para essa luta, para o cuidado e tal. Mas este livro, possui partes e momentos que trabalham o tema ambiental, tanto na geografia, na ciência, nos recursos naturais. Os recursos naturais podem Acabar! Então eles trazem alguns

elementos relacionando com o campo. Com o trabalho no campo. Como o trabalho dialoga com a questão do meio ambiente a partir do meu trabalho, com o que eu tenho feito? Então o livro aponta algumas Idéias: Terra – Trabalho; Recursos naturais são uma temática. E aqui você é uma coisa pequena! Mas agente aborda outras fontes de pesquisa, trazendo outros elementos; Vídeos! Justamente nesta busca de sensibilizar e trabalhar a importância dessa questão ambiental”. (PROFESSORA A, 2017).

Através da análise das respostas concedidas nesta entrevista, entende-se que a professora da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano da EEEF “Margem do Itauninhas” possui todas as características de um educador ambiental preocupado e conhecedor das questões ambientais, viabilizando uma discussão sistematizada do tema, buscando realizar um trabalho transdisciplinar e interdisciplinar. Talvez o fato de ser graduada em licenciatura plena em biologia, tenha contribuído de forma essencial para sua atual consciência ambiental, como também de seu conhecimento teórico da temática, onde impreterivelmente acaba influenciando em suas práticas docentes e no resultado das mesmas. Enfim, pode-se então interpretar como positivas todas as ideias, concepções e metodologias informadas pela professora nesta entrevista.

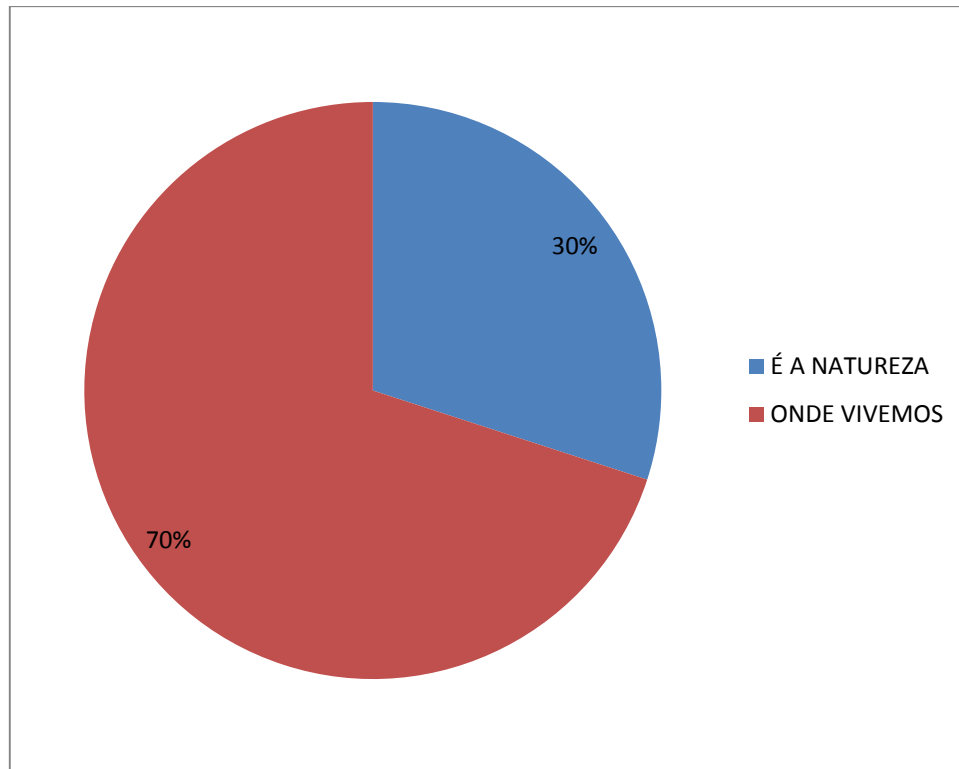
#### 4.3 RESULTADOS E ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS

No questionário que foi aplicado para os alunos havia 05 perguntas, destas, duas eram mais específicas em relação à temática central deste trabalho, onde fundamentava toda a pesquisa. As referidas perguntas foram: 01 - Para você o que seria Meio ambiente? 02 - Em sua opinião, como seria possível melhorar o meio Ambiente?

Seguem os gráficos referentes aos resultados coletados da pergunta de número 01 dos alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano.

## Resultados da pergunta 01: Para você o que seria Meio ambiente?

Gráfico 01 - Percepções ambientais dos alunos do 3º ano



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos Pinheiro (2017)

Sobre os 30% que responderam que era “a natureza”, pode-se entender que estes percebem e representam o meio ambiente em uma forma Naturalista, onde de acordo com Reigota (2010), os indivíduos que possuem essa visão relacionam o meio ambiente a uma natureza primária, aquela que não sofreu nenhuma transformação antrópica. Esses espaços são representados pelos mares, rios, oceanos, florestas etc.

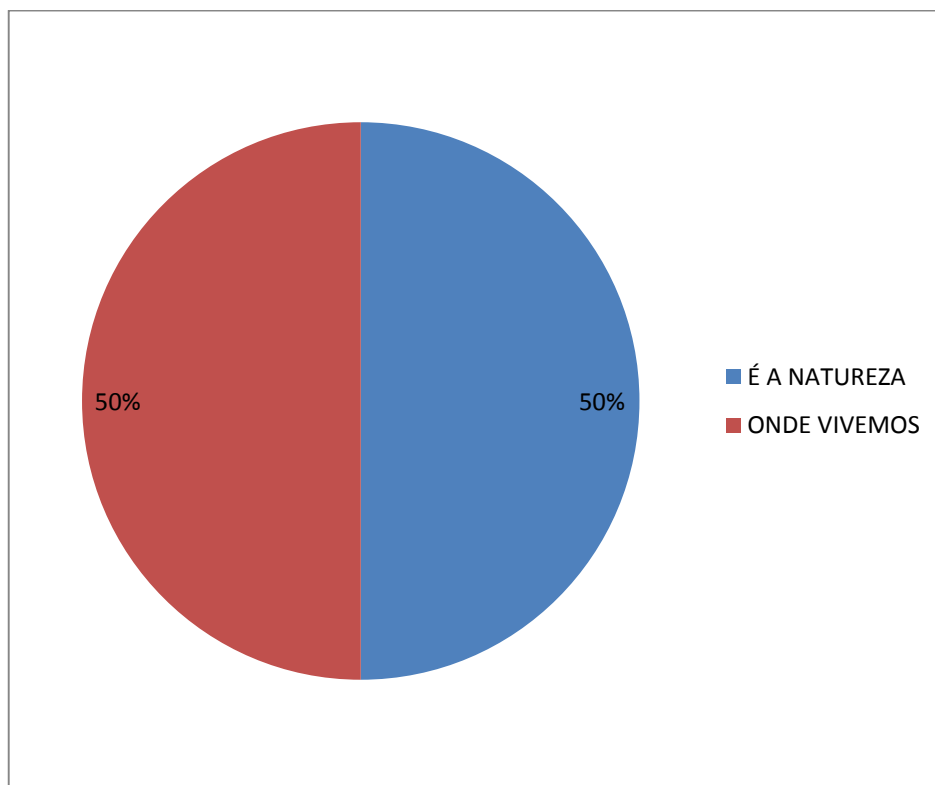
Com relação aos 70% dos alunos que responderam “é onde vivemos”, pode-se entender que estes percebem e representam o meio ambiente de uma forma Interacionista, como explica Reigota (2010). Pois ao externarem essa resposta, os tais deixam perceptível compreender que o homem faz parte do meio ambiente, assim como os demais elementos da natureza, havendo uma interligação e uma inteiração entre os mesmos. Interessante que os referidos alunos, mesmo sendo de uma faixa etária mais jovem, conseguem obter essa interpretação de meio ambiente.

Resultado dos alunos do 4º ano.

Os alunos do 4º ano em 100% das respostas afirmaram que o meio ambiente era a natureza. Da mesma forma que os 30% dos alunos do 3º ano, os mesmos também permitem o entendimento de que percebem e representam o meio ambiente de forma Naturalista, como explica Reigota (2010).

Resultado dos alunos do 5º a

Gráfico 02 - Percepções ambientais dos alunos do 5º ano



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Os alunos do 5º ano apresentaram um resultado onde 50% dizem que o meio ambiente é formado pela natureza e 50% que o meio ambiente é onde vivemos. Para os 50% que disseram que o meio ambiente é a natureza, vale a mesma interpretação dada para os 100% dos alunos do 4º ano e dos 30% dos alunos do 3º ano que também afirmaram que o meio ambiente equivale à natureza, ou seja, os mesmos deixam transparecer possuir uma percepção naturalista do meio ambiente.

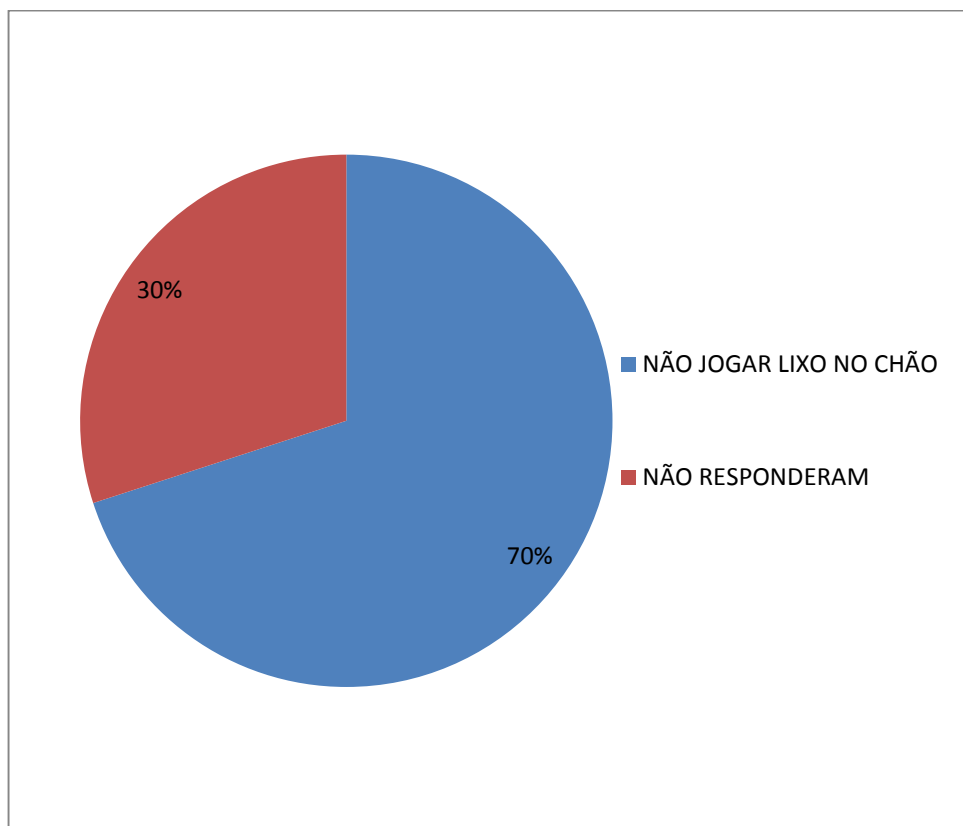
Já os demais 50% que responderam é onde vivemos, pode-se utilizar a mesma interpretação utilizada para os 70% dos alunos do 3º ano que também falaram que o

meio ambiente era o local onde vivemos, ou seja, uma percepção interacionista de meio ambiente, da forma como nos diz Reigota (2010).

Resultado da segunda pergunta: Em sua opinião, como seria possível melhorar o meio ambiente?

Resultados dos alunos do 3º ano.

Gráfico 03 - Como melhorar o meio ambiente - alunos do 3º ano



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

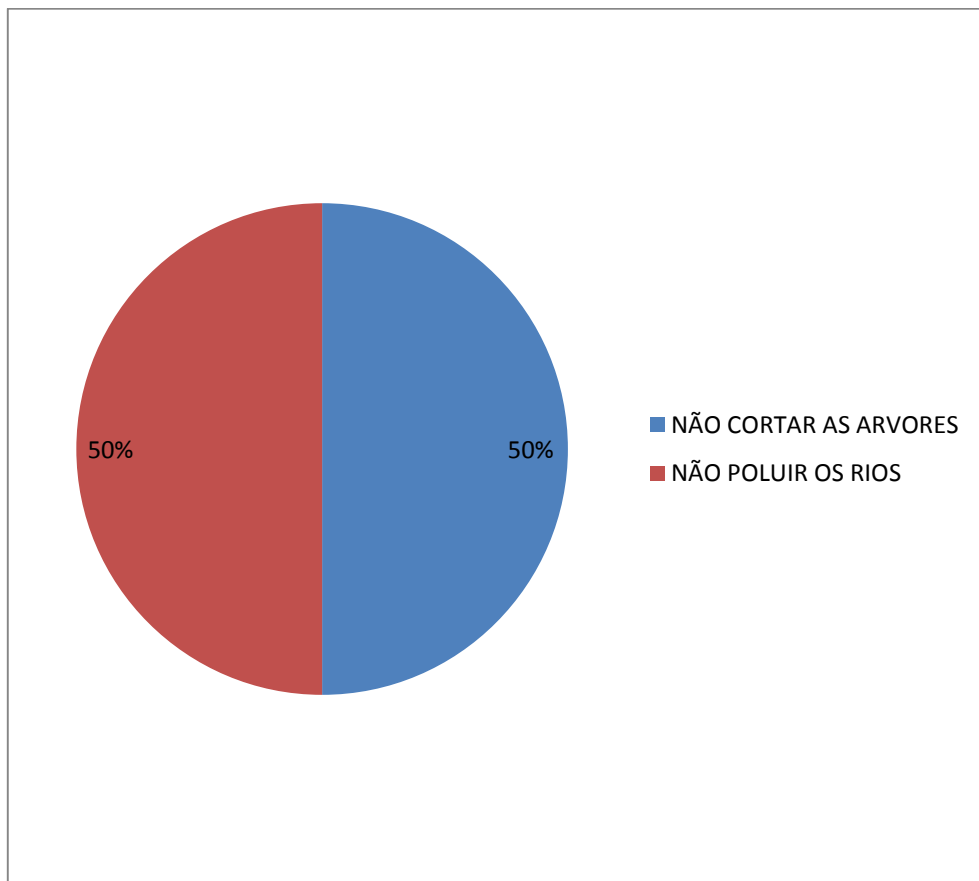
Quando os alunos respondem “não jogar o lixo no chão”, os mesmos deixam transparecer uma preocupação com o estado de qualidade do espaço onde vivem; isto permite a interpretação de que os mesmos entendem que, se o espaço onde vivem se não estiver em condições apropriadas para sobrevivência, vai atingi-los de forma direta. Este pensamento nos faz entender que estes alunos compreendem que o ser humano faz parte do espaço ou do meio, e que para eles sobreviverem é necessário uma inteiração saudável e equilibrada com os elementos que formam o ambiente. Esta percepção de meio ambiente se enquadra nos moldes de uma visão



Interacionista, como é explicado por Reigota (2010). Os demais 30% dos alunos deixaram a pergunta sem respostas.

#### Resultados dos alunos do 4º ano

Gráfico 04 - Como melhorar o meio ambiente - alunos do 4º ano

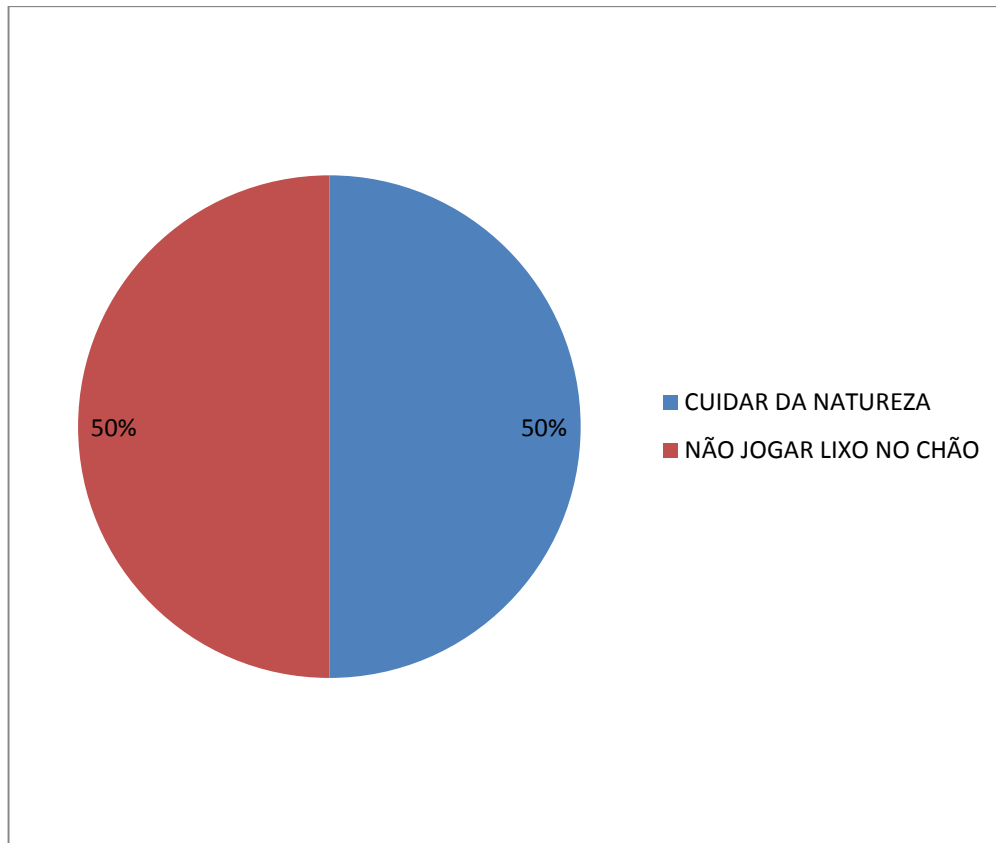


Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Neste resultado 50% dos alunos dizem que para melhorar o meio ambiente era necessário não “cortar as árvores” e 50% “não poluir os rios”. Com estas respostas podemos entender que os alunos demonstram uma preocupação com o bem estar apenas dos elementos que compõe uma natureza primária, onde são citados as árvores, que representam todas as florestas e vegetações e os rios, que podem representar toda parte hídrica do planeta que é composta pelos mares, oceanos, lagos etc. Assim essa interpretação, pode nos levar a entender que esses alunos possuem uma percepção Naturalista do meio ambiente, pois relacionam o meio ambiente apenas aos elementos que formam ou compõe uma natureza primária, da mesma maneira que nos explica Reigota (2010).

Resultados dos alunos do 5º ano.

Gráfico 06 - Como melhorar o meio ambiente - alunos do 5º ano



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Quando os 50% dos alunos respondem “cuidar da natureza”, os mesmos externam sua preocupação apenas com os elementos que estruturam a natureza primária. Esta percepção é similar aos dos 50% dos alunos do 4º ano que responderam “não cortar as árvores” e aos 50% dos alunos também do 4º ano que falaram “não poluir os rios”. Ao dar essa resposta estes alunos permitem o entendimento de compreenderem e representarem o meio ambiente em uma percepção Naturalista, da mesma maneira que explica Reigota (2010).

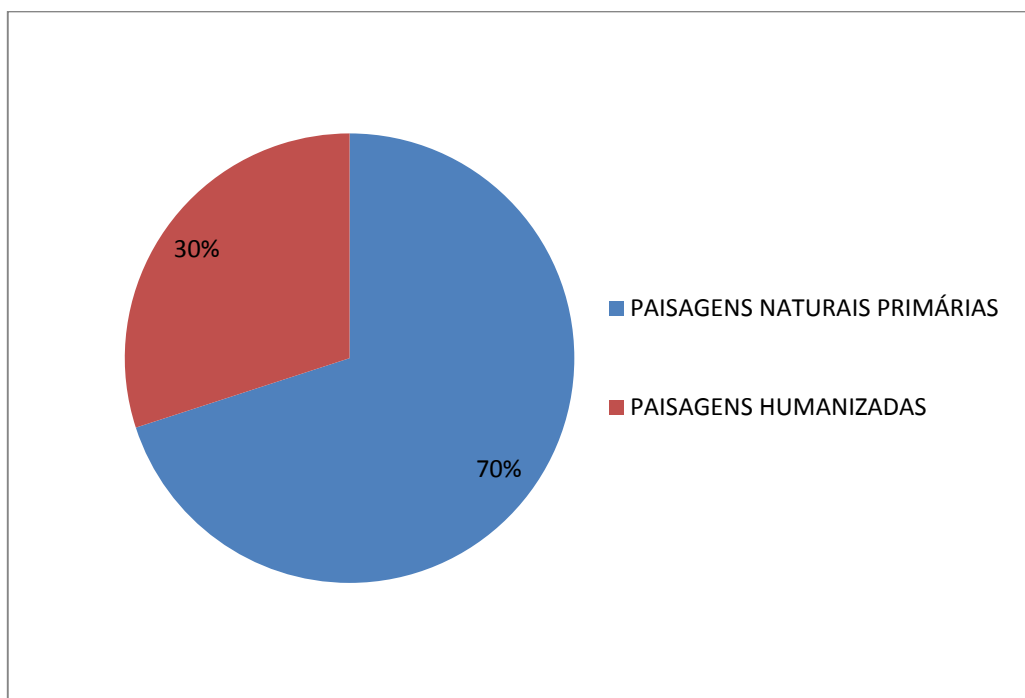
Com relação aos outros 50% dos alunos que responderam “não jogar o lixo no chão”, nos remete a mesma situação ocorrida com os 70% dos alunos do 3º ano que externaram a mesma resposta. Estes também permitem o entendimento de compreender o meio ambiente em uma percepção Interacionista pelo mesmo motivo descrito anteriormente no resultado apurados dos alunos do 3º ano.

#### 4.4 COMPREENDENDO AS PERCEPÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DOS ESTUDANTES

Os alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano foram orientados para produzir um desenho livre com o tema: o que pensa sobre Meio Ambiente em sua concepção. Destas representações ilustradas por esses alunos, foi possível adquirir algumas interpretações no que diz respeito às percepções de meio ambiente externada por cada um destes. Seguem os gráficos que ilustram os resultados e análises dos desenhos produzidos em sala de aula.

Desenhos produzidos pelos alunos do 3º ano.

Gráfico 10: Análise dos desenhos produzidos pelos alunos do 3º ano



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Nas representações do meio ambiente que foram externadas pelos alunos, 30% eram produções que ilustravam paisagens naturais, com elementos da natureza primária, tais como: florestas, rios, lagos, animais selvagens, dentre outros. Nestes por não existirem nenhum elemento humano ou mesmo humanizado, transparece mais uma vez nesta turma, a existência de uma percepção Naturalista do meio ambiente,

justamente por representar o meio ambiente, apenas através de elementos que compõe ou forma uma natureza primária, da forma como explica Reigota (2010).

Segue desenho 01 ilustrando um dos tipos de desenhos produzidos pelos alunos do 3º ano que se adéqua a esta descrição.

Desenho 01 – Desenho produzido por aluno do 3º da sala multisseriada da EEEF MI



Fonte: Aluno A do 3º ano da sala multisseriada da EEEF Margem do Itauninhas (2017)

Nos demais 70% dos desenhos produzidos pelos alunos, foram identificados representações com elementos naturais primários, marcado também pela presença humana ou com elementos humanizados, tais como: casas, pessoas, recipientes para lixo, escola, etc. Através destas ilustrações, fica evidente que os referidos alunos possuem uma percepção Interacionista do meio ambiente, onde deixa entender sua compreensão no que se refere à figura do ser humano em relação aos demais elementos que formam a natureza, entendendo que o homem faz parte da mesma, e que constantemente se encontra em uma profunda interação e relação, da forma como descreve Reigota (2010). Seguem em apêndice os desenhos produzidos pelos alunos do 3º ano.

Segue desenho 02 ilustrando um dos tipos de desenhos produzidos pelos alunos do 3º ano que se adéqua a esta descrição.

Desenho 02 - Desenho produzido por aluno do 3º da sala multisseriada da EEEF MI



Fonte: Aluno B do 3º ano da sala multisseriada da EEEF Margem do Itauninhas (2017)

### **Análise dos desenhos produzidos pelos alunos do 4º ano**

Entre os desenhos produzidos pelos alunos do 4º ano, foram detectados apenas desenhos contendo paisagens com elementos de natureza primária. Para estes cabe a mesma interpretação externada aos 30% dos alunos do 3º ano, que também elaboraram seus desenhos com esta mesma linhagem. Assim pode-se dizer que esses alunos possuem uma percepção Naturalista do meio ambiente, da forma como descreve Reigota (2010). Nos apêndices deste documento encontram-se os desenhos realizados pelos alunos do 4º ano.

Segue desenho 03, ilustrando um dos tipos de desenhos produzidos pelos alunos do 4º ano que se adéqua a esta descrição.

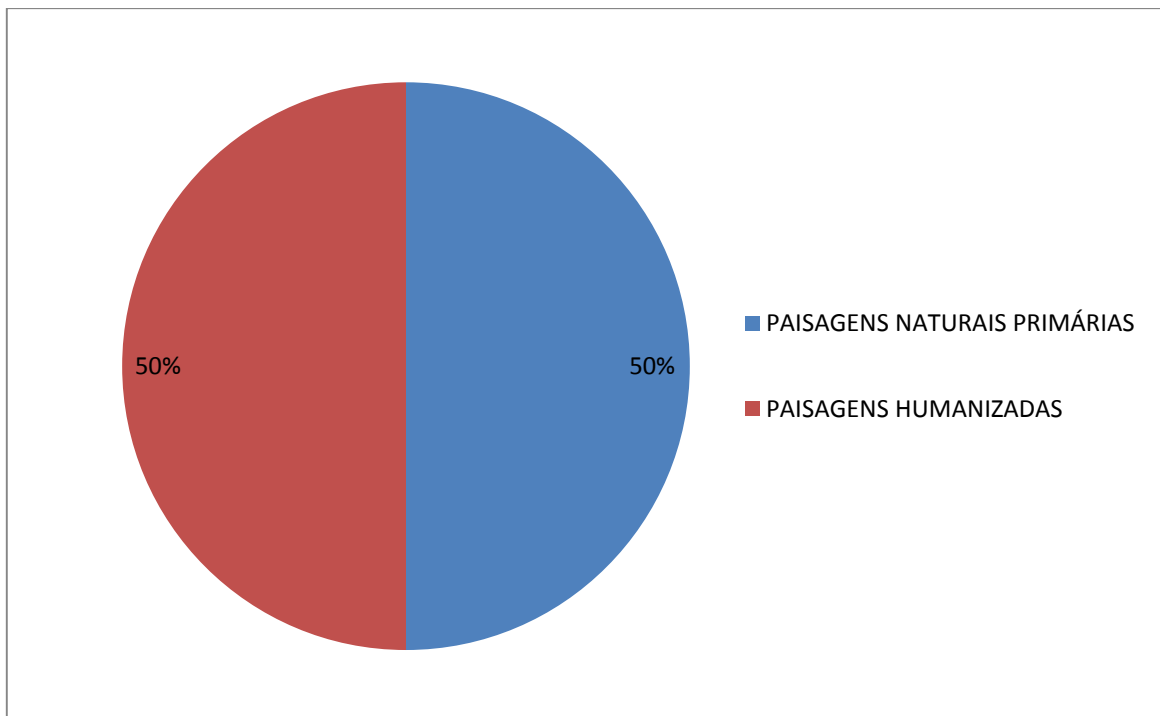
Desenho 03 - Desenho produzido por aluno do 4º da sala multisseriada da EEEF MI



Fonte: Aluno C do 4º ano da sala multisseriada da EEEF Margem do Itauninhas (2017)

### Análise dos desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano

Gráfico 12 - Análise dos desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano



Fonte: Pinheiro, Rômulo dos Santos (2017)

Dentre os desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano, foi identificado que 50% destes eram caracterizados por apresentarem paisagens naturais contendo apenas elementos de natureza primária, muito semelhante com os que foram elaborados pelos alunos do 4º ano e 30% dos alunos do 3º ano. Para estes também cabem a mesma interpretação no que se refere à percepção de meio ambiente, podendo no caso ser compreendida como uma visão Naturalista do meio, da forma como é descrita por Reigota (2010). Segue desenho 04, ilustrando um dos tipos de desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano que se adéqua a esta descrição.

Desenho 04 - Desenho produzido por aluno do 5º da sala multisseriada da EEEF MI



Fonte: Aluno D do 5º ano da sala multisseriada da EEEF Margem do Itauninhas (2017)

Os demais 50% dos alunos elaboram desenhos que possuíam elementos de uma paisagem formada por elementos de natureza primária, mas que também possuíam elementos humanizados ou mesmo a presença de seres humanos, como homens, crianças e mulheres. Estes desenhos são semelhantes aos que foram produzidos por 70% dos alunos do 3º ano, podendo ser agregado a mesma interpretação de meio ambiente que foi associado aos mesmos, permitindo entender que os referidos alunos possuem uma percepção Interacionista sobre o meio ambiente, da forma como propõe

Reigota (2010). No apêndice desse documento encontra-se disponível os desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano.

Segue desenho 05, ilustrando um dos tipos de desenhos produzidos pelos alunos do 5º ano que se adéqua a esta descrição.

Desenho 05 - Desenho produzido por aluno do 5º da sala multisseriada da EEEF MI



Fonte: Aluno E do 5º ano da sala multisseriada da EEEF Margem do Itauninhas (2017)



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível concluir que não existe um conceito universal para meio ambiente, pois essa concepção e representação são subjetivas do sujeito, podendo variar de acordo as questões culturais, sociais e históricas de cada um. É através da experiência com os elementos que compõe o espaço, paisagem ou mesmo o ambiente, ser possível a construção e consolidação desta representação.

A partir da EA é possível conduzir o indivíduo para a construção de uma percepção mais crítica e transparente no que tange o meio ambiente, permitindo a formação de sujeitos sensibilizados com as questões ambientais, viabilizando a construção de mentes conscientes de seus direitos e deveres, permitindo-lhes gozar plenamente de sua cidadania. A Educação Ambiental realiza um trabalho formativo, onde permite o debate e discussão de temas atuais e importantes no que se refere à realidade, envolvendo assuntos ligados a política, economia, sociedade e desenvolvimento, provendo metas, ações e medidas que visem resultados benéficos que ao menos amenize as problemáticas existentes no meio ambiente e na qualidade de vida da população

Com relação às hipóteses elencadas no primeiro capítulo dessa pesquisa, pode-se concluir que todas foram refutadas, pois através do mesmo foi identificado que nesta sala de aula a Educação Ambiental é trabalhada de maneira interdisciplinar e transversalmente, envolvendo e sendo trabalhada com todas as áreas de conhecimento. Nesta escola a Educação Ambiental é trabalhada no cotidiano, não sendo tratada como algo meramente pontual ou mecanizado, mais sim, como um tema sistematizado e correlacionado com a realidade e o dia a dia dos sujeitos ali localizados.

Através da entrevista realizada com a professora regente da sala do 3º, 4º e 5º ano foi possível concluir que a mesma possui perfil de um Educador ambiental crítico e libertador de meio ambiente. A professora trabalha a temática ambiental de forma trans e interdisciplinar, buscando relacionar os conteúdos teóricos com a prática e o cotidiano dos alunos, viabilizando sempre o debate, discussão e reflexões importantes sobre o tema.

Com relação ao primeiro objetivo deste trabalho, o de identificar o embasamento teórico utilizado pela professora no que tange o ensino de EA em sala de aula, foi constatado que a mesma não utiliza um teórico específico, e que o conteúdo trabalhado em sala de aula, está disponibilizado através dos livros didáticos fornecidos pela Secretária Estadual de Educação do Espírito Santo (SEDU). Essa coleção de livro é intitulada de “Girassol”, contendo livros das disciplinas específicas do currículo, tais como geografia, matemática, história, ciências e língua portuguesa. Foi comprovado também nesta pesquisa que a professora procura relacionar os conteúdos existentes nestes livros, as questões ligadas à temática ambiental, promovendo a interdisciplinaridade.

Através da observação das aulas dirigidas pela professora, foi possível averiguar que a sua metodologia realmente condizia com aquilo que expôs em entrevista realizada com esse pesquisador, no qual a mesma havia informado sobre a utilização do livro didático como base teórica para a dinamização dos conteúdos e das aulas com viés ambiental, como também o conceito de uma educação ambiental crítica e libertadora, proporcionando práticas metodológicas modernas e dinâmicas, relacionando a teoria com o cotidiano dos alunos. Tudo isto foi comprovado de forma presencial.

A partir dos questionários que foram aplicados aos alunos, foi possível alcançar o terceiro objetivo desta pesquisa, que era o de identificar e relacionar as percepções de meio ambiente dos alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano com as três formas de representação do meio ambiente discutida por Reigota (2010). Através da análise deste resultado foi possível identificar e concluir que 70% dos alunos do 3º ano e 50% dos alunos do 5º ano possuem uma percepção interacionista do meio ambiente, e que 100% dos alunos do 4º ano, 30% os alunos do 3º ano e 50% dos alunos do 5º ano possuem uma percepção Naturalista do meio ambiente. A percepção Antropocêntrica não foi identificada entre os alunos desta sala.

Através deste trabalho de pesquisa foi possível identificar na EEEF “Margem do Itauninhas” a presença marcante dos pensamentos e ideologias característicos do Movimento Sem Terra (MST) na formação ideológica e acadêmica dos alunos. As questões relacionadas ao uso da terra, a produção agrícola e a valorização do trabalhador rural e do espaço onde vive e trabalha, talvez tenha contribuído de forma

considerável para a construção desta forma de percepção e representação do meio ambiente identificada nos alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º através desta pesquisa de dissertação.

Desta maneira, pode-se então concluir de forma geral, que na EEEF “Margem do Itauninhas” existe a preocupação de se trabalhar a EA de forma plena e eficaz, Contribuindo para a formação de sujeitos preocupados com a temática ambiental, como também buscando envolver a comunidade local através de um trabalho de sensibilização e propagação de conhecimento científico cultural, social e ambiental, visando o avanço dos alunos como também de toda área ao seu redor.

Vale ressaltar que este trabalho de pesquisa foi realizado em um espaço e realidade passível de mutabilidade, estando suscetível a mudanças e metamorfoses, partindo da premissa que novos alunos surgirão nesta instituição de ensino, trazendo novas e diferentes formas de percepção e representação de meio, pois da forma como foi dito anteriormente nestas considerações, não existe um conceito universal correto no que tange o entendimento sobre o meio ambiente, sendo algo singular do indivíduo. Além disto, deve ser considerado o fato dos sujeitos desta pesquisa se tratar de crianças e pré-adolescentes, seres humanos em processo de construção de sua identidade cultural, intelectual, emocional, psicológica, como também fisiológica, podendo, muito provavelmente, mudar estas concepções de meio ambiente apresentadas até o presente momento no decorrer de suas vivências e experiências adquiridas em seus cotidianos.

Baseado nestas considerações pode-se afirmar a necessidade de ser realizado um trabalho educativo mais intenso, no que se refere o ensino da EA, objetivando a formação de sujeitos sensibilizados com as questões ambientais, orientando-os para o entendimento da existência de um meio ambiente mutável, onde o ser humano é um elemento pertencente ao mesmo, assim como os demais objetos que formam a paisagem, entender que todas as ações realizadas pela humanidade frente a este meio ambiente resultara em consequências, que serão revertidas diretamente sobre a própria sociedade humana.

Por fim, concluindo o ultimo objetivo deste trabalho, pretende-se agendar uma data com toda a comunidade escolar do assentamento Nova Vitória, onde este pesquisador apresentará todos os dados desta pesquisa, devolvendo para a mesma uma contribuição, do que foi produzido a partir da colaboração dada por eles, objetivando a troca de informações e um debate construtivo, possibilitando uma nova visão e avanços para todos os entes ligados a EEEF Margem do Itauninhas, no que tange o ensino da EA nesta instituição.

## REFERENCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei 9.795, de 27.04.1999. **Dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.** DOU 28.04.1999.

BRASIL.MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento.** Fundação Banco do Brasil – Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <http://www.oei.es/salactsi/tecnologiasocial.pdf>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Ambiental. UNESCO. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Brasília, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade.** Brasília, 2007b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educaçãambiental.pdf>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 6.101 de 26 de abril de 2007.**

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais do meio ambiente.**

BRASIL.**Processo Formador em Educação Ambiental a Distância. Módulos 1 e 2.** ISBN: 978-85-7946-008-1. FSC. Governo Federal do Brasil.

BRASIL. Lei 9.795, de 27.04.1999. **Dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.** DOU 28.04.1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: LABUR, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: LABUR, 2007.

CLAVAL, Paul A. **A geografia e a percepção do espaço.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geografia, 1983.

COELHO, Ubaldino Souto, **Memória Histórica de Pinheiros**. Pinheiros ES: Editora Kelps, 2014.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: ÁTICA, 1989.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 1990. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2016.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995 – (Coleção Papirus Educação).

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2001.

MAIA, J. C. L.; GUEDES, J. A. **Percepção ambiental dos recursos hídricos no município de Francisco Dantas, RN. Sociedade e Território**. Natal, v.23, n.2, p.90-106, jul./dez. 2011.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2010 - (Coleção questões da nossa época; v.12)

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

SANTOS, Boaventura. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SANTOS, Boaventura. **Renovar Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Editora BOMTEMPO, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo : HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

Secretária Municipal de Educação de Pinheiros

TRISTÃO, M. **Os contextos da educação ambiental no cotidiano: racionalidades da/na escola**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu, MG. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 332-333.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. São Paulo: Annablume, 2004.

TRISTÃO, Martha. **Tecendo os fios da Educação Ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido.** São Paulo: Revista da Faculdade de Educação da USP, maio/agosto, v. 31/02, 2005, p. 251-264.

TRISTÃO, Martha. **Enunciações das narrativas sobre Educação Ambiental de sujeitos praticantes.** Vitória/ES: Revista PPGE/UFES, 2007.

TRISTÃO, Martha. **Abordagens teóricas e metodológicas do Núcleo Interdisciplinar e pesquisa e estudo em Educação Ambiental.** Ambiente & Educação. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande: 2009.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: ATLAS AS, 1987.


TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980.

VILLAR, L. M. et al. **A percepção ambiental entre os habitantes da região noroeste do estado do Rio de Janeiro.** Escola Anna Nery, Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro. V. 12, nº 3, p. 537-543, 2008.

## APÊNDICES



APÊNDICE A – Autorização para realização da pesquisa



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E**  
**DESENVOLVIMENTO REGIONAL**  
 Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012 publicada no D.O.U. de 09/11/2012

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**


São Mateus (ES), 29 de julho de 2017.

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, Rômulo dos Santos Pinheiro, aluno (a) do curso de **Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional** da Faculdade Vale do Cricaré, solicito ao(a) Superintendente Regional de Nova Venécia, Márcia Borges Calmon Brito autorização para realizar a pesquisa, com o objetivo de desenvolver trabalho do Mestrado.


Contando com a autorização de V.S.\* colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

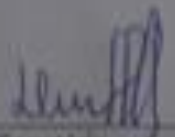
Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador

Walter Borges Calmon Brito  
Superintendente - 285 Nova Venécia  
Rua Celso de Figueiredo, 10  
13000-000, Nova Venécia, 20041-00





Secretária

**Luzinete Duarte**  
 Secretária do Mestrado  
 Portaria DG 00333/12  
 Faculdade Vale do Cricaré

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista realizada com a professora regente



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Reconhecido pela Portaria MEC/CNE N° 1.324 de 08/11/2012 publicada no D.O.U de 09/11/2012

**PESQUISA DE DISSERTAÇÃO**

**Aluno/pesquisador: Rômulo dos Santos Pinheiro**

**Orientador: Professora Dr<sup>a</sup> Yolanda Aparecida de Castro Almeida**

**Sujeito da pesquisa: Professora Regente da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano**

**Escolar da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS.**

**01 – Nome - Idade – Nível de formação – Instituição onde se formou**

**02 – Qual conceito de Meio Ambiente é trabalhado nesta escola com os alunos?**

**03 – Este ano existe algum projeto de Meio Ambiente na Escola? Se sim qual?**

**04 – Nos últimos anos houveram outros projetos voltados para o meio Ambiente?**

**05 - Esta escola faz uso de algum livro didático para as aulas de Educação Ambiental?**

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos alunos da sala multisseriada



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Reconhecido pela Portaria MEC/CNE N° 1.324 de 08/11/2012 publicada no D.O.U de 09/11/2012

**PESQUISA DE DISSERTAÇÃO**

**Aluno/pesquisador: Rômulo dos Santos Pinheiro**

**Orientador: Professora Dr<sup>a</sup> Yolanda Aparecida de Castro Almeida**

**Sujeitos da pesquisa: Alunos da sala multisseriada do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS**

**01 – Nome - Idade -**

**02 – Como é sua vivência aqui nesta escola?**

**03 - O que você costuma fazer quando não está na escola?**

**04 – Para você o que seria Meio ambiente?**

**05 – Em sua opinião, como seria possível melhorar o meio Ambiente**

**06 – Na folha anexa a este questionário, faça um desenho ilustrando o que pensa sobre Meio Ambiente em sua concepção.**

APÊNDICE D - Redação da entrevista realizada com a professora regente da sala multiseriada da EEEF MARGEM DO ITAUNINHAS.

- (Pesquisador). Bom dia professora!
- Poderia informar seu nome completo, idade, nível de formação e a instituição onde se formou?
- (Professora). Sim!
- Gildete Barbosa da Silva
- Posso Magistério, Graduação em Pedagogia e Biologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Bahia (FTC).
- Atualmente estou concluindo Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo.
- Posso também uma Especialização em Educação do Campo.
- (Pesquisador). Qual o conceito de Meio Ambiente é trabalhado nesta escola com os alunos?
- (Professora). Em geral, o meio ambiente é tudo!
- É nossa casa, é nossa vida, por onde agente passa.
- Agente tenta trabalhar esse lado mais abrangente de meio ambiente;
- Não só na semana do meio ambiente, mas sempre estamos lembrando;
- No segundo trimestre nós trabalhamos palavras de ordem, os próprios núcleos se organizaram para desenvolverem as palavras de ordem;
- Essa questão, da onde eu estou no meio ambiente;
- O que é realmente o ambiente? Mas agente tenta trabalhar o sentido mais geral;
- Não só focando numa coisa: na casa, na escola;
- Onde quer que eu vá, o cuidado com o espaço;
- Como é o espaço onde eu vivo?
- Eu tento trazer o conceito bem global assim;
- Então é isso que agente procura tentar desenvolver um pouquinho;
- Quando agente cuida da sala;
- São eles próprios que limpam;
- Daí alguém fala: Mas tem alguém que limpa!
- Mas ai eu falo: Mas fomos nós que não cuidamos do ambiente, então nós vamos cuidar deste ambiente aqui.
- Na casa agente sempre faz uma intervenção;

- Na escola, volta e meia sai também para olhar como está o cuidado;
- Então tem um pouco desse sentido assim.
- (Pesquisador). Este ano existe algum projeto de Meio Ambiente na Escola? Se sim qual?
- (Professora). Existe projeto de pesquisa!
- Mas geralmente, foca-se nas turmas de 6º ao 9º ano;
- Que é justamente buscando essa sensibilização de cuidar das nascentes!
- Pois a comunidade sofre muito com a falta de água, né!
- Agente agora, por exemplo, está recebendo carros pipas, para abastecer as casas;
- Que foi uma falta de cuidado, pois a comunidade acabou não se preparando para isto né!
- Achando que a água era inesgotável!
- Então a escola desenvolveu este projeto com as turmas de 6º ao 9º ano, que tem o foco nesta questão ambiental;
- Cuidado com a terra;
- E de 1º ao 5º ano, não existe algo sistematizado;
- Há um projeto! Mas têm vários temas que eles estudam;
- Através dos temas geradores, que abordam esta questão ambiental;
- Por exemplo: a turma do 4º ano no segundo trimestre foi à produção no assentamento;
- Quando agente toca na produção, agente vai ver quais são os cuidados que estamos tendo com a produção.
- Estamos produzindo que alimentos?
- Com que qualidade?
- Para quem?
- O que nós estamos oferecendo de alimentos?
- Agente precisa de cuidados com ele!
- nós estamos devolvendo para a terra o que nós retiramos?
- Quais são as práticas?
- Então agente aborda dentro dos temas geradores, mas de 1º ao 5º ano não existe um projeto!
- Mas de 6º ao 9º ano existe um projeto mais sistematizado, né!, que é chamado de projeto de pesquisa;

- Onde os estudantes fazem esse intercambio com a realidade e desenvolvem práticas voltadas para esta questão ambiental.
- (Pesquisador). Este projeto envolve toda escola? Mexe com toda a escola?
- (Professora). Sim!
- Agente procura todos os estudantes né!
- Todos os educadores também trabalham com o tema trabalham com o tema transversal;
- E também acolhem o projeto, né!
- Desenvolvendo ações e práticas, teóricas, trabalhando o tema.
- (Pesquisador). E a comunidade, é chamada? Ela consegue ver esse trabalho aqui ao redor?
- (Professora). Sim!
- A comunidade é chamada sempre quando agente faz um mutirão!
- (Pesquisador). Eles participam?
- (Professora). Sim!
- Não em totalidade, mas sempre temos aquelas pessoas que participam.
- Quando agente junta as crianças para fazer uma atividade na comunidade, geralmente a comunidade vem !
- Como eu falei, eles não vêm em sua totalidade, que é difícil você fazer uma atividade que venha todo mundo;
- Mas vem um grupo que sempre se agarrou a escola, dando sua contribuição neste sentido das atividades propostas.
- Agente entende também que é um processo!
- Que agente não muda a cabeça de uma pessoa de uma hora para a outra!
- Por isso agente sempre tem que estar batendo na mesma tecla;
- Pois volta e meia: chupou a bala, jogou o papel no chão!
- eu falo: ei! Qual a discussão que agente tem?
- Agente sempre está relembrando!
- Às vezes sempre questiono na palavra de ordem do dia: Proteja o ambiente!
- Só que na prática agente tem também limite;
- Porque acredito que isto é um processo!
- A pessoa até amadurecer essa consciência ecológica da muito trabalho;
- Então você sempre tem que está batendo na mesma tecla!
- No cuidado,

- Fazer o processo seletivo do lixo,
- Pois o pessoal da usina busca aqui o lixo!
- Então agente trabalha isso!
- Cuidado com a água do bebedouro;
- São práticas cotidianas que agente sempre precisa ficar lembrando e relembrando as crianças;
- De que é isso que faz a diferença!
- É o cuidado, a atenção de todos os elementos que nos rodeiam.
- (Pesquisador). Você já fez algum curso de capacitação em Educação Ambiental?
- (Professora). Não!
- Nunca fiz! Já participei de palestras, mas curso específico não.
- (Pesquisador). Nos últimos anos houveram outros projetos voltados para o meio ambiente?
- (Professora). Sim!
- Geralmente este foco é definido pela escola;
- E este projeto de pesquisa é abraçado com este tema;
- Até pela demanda da comunidade;
- Pois é uma comunidade que sofre muito pela falta de água;
- O próprio lixo, que apesar da usina passar recolhendo;
- Mas lá atende a demanda da comunidade toda;
- Então conseguimos pela escola, que o lixo não ficasse exposto, fazendo a separação do lixo úmido e do lixo seco.
- Geralmente mandamos para lá o lixo seco, o do banheiro também mandamos, pois também não temos para aonde jogar!
- Mas ainda é um problema para a comunidade!
- Então todo ano agente foca nisto: as nascentes!
- Como agente faz para recuperar as nascentes da comunidade? Pois agente percebe que algumas já se foram!
- E agente tenta trabalhar para esta questão de despertar para o cuidado!
- Enfrentamos resistências de alguns moradores que acham que não tem nada haver;
- Mas têm outros que entendem que possuem uma consciência ecológica, do cuidado, da necessidade e de pensar no futuro;
- Não é viver o hoje pensando só no hoje!
- Mas sim viver o hoje pensando no amanhã!

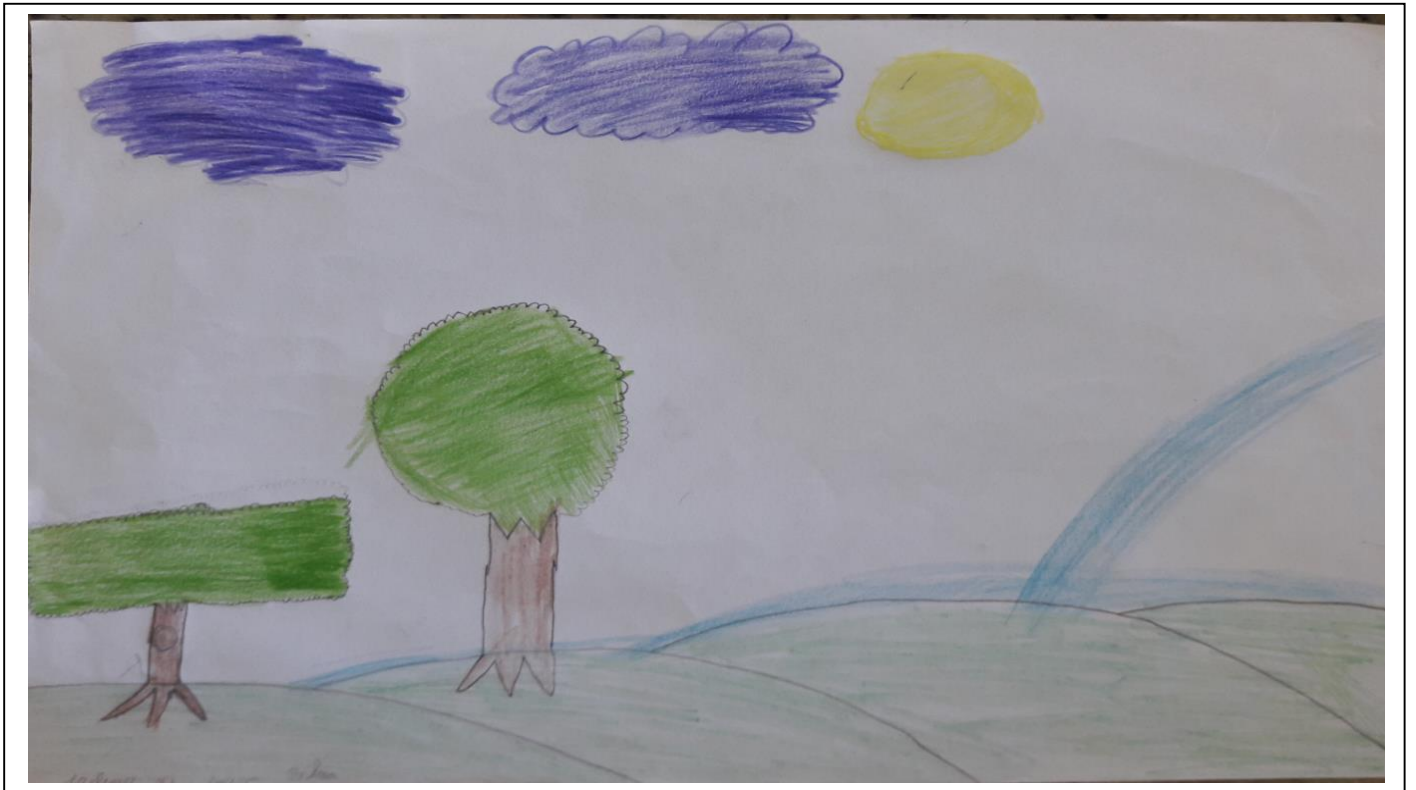
- Nos que virão!
  - Então a cinco, seis anos que a escola vem trabalhando como este projeto de pesquisa, onde a idéia é justamente a intervenção na realidade;
  - Junto com os estudantes, junto com a comunidade, propor intervenções:
  - Plantio de árvores
  - Cuidado com as nascentes
  - Cuidado com a mata
  - Foi feito um trabalho de plantio de arvores na mata com o sentido de recompor a vegetação original que tinha no passado e que foi devastado pelo próprio pessoal do assentamento;
  - É um pouco deste sentido! Vimos plantando essa semente e tentando cuidar na medida do possível.
  - (Pesquisador). Professora esta escola faz uso de algum livro didático para as aulas de Educação Ambiental?
  - (Professora). Não temos um livro específico!
  - (Pesquisador). Vocês usam qual?
  - (Professora). Usamos a coleção de livros com o tema “Girassol”, que é uma coleção do campo.
  - E além dos livros, agente usa também outras fontes de pesquisas para trabalhar o tema: música, xote ecológico!
  - Trazemos pessoas como Chico Mendes, que cuidou do meio Ambiente!
  - A Doroti, que são pessoas que nos servem de espelho para essa luta, para o cuidado e tal.
  - Mas este livro, possui partes e momentos que trabalham o tema ambiental, tanto na geografia, na ciência, nos recursos naturais;
  - Os recursos naturais podem Acabar!
  - Então eles trazem alguns elementos relacionando com o campo;
  - Com o trabalho no campo;
  - Como o trabalho dialoga com a questão do meio ambiente a partir do meu trabalho, com o que eu tenho feito?
  - Então o livro aponta algumas
- Idéias: Terra – Trabalho;
- Recursos naturais são uma temática.

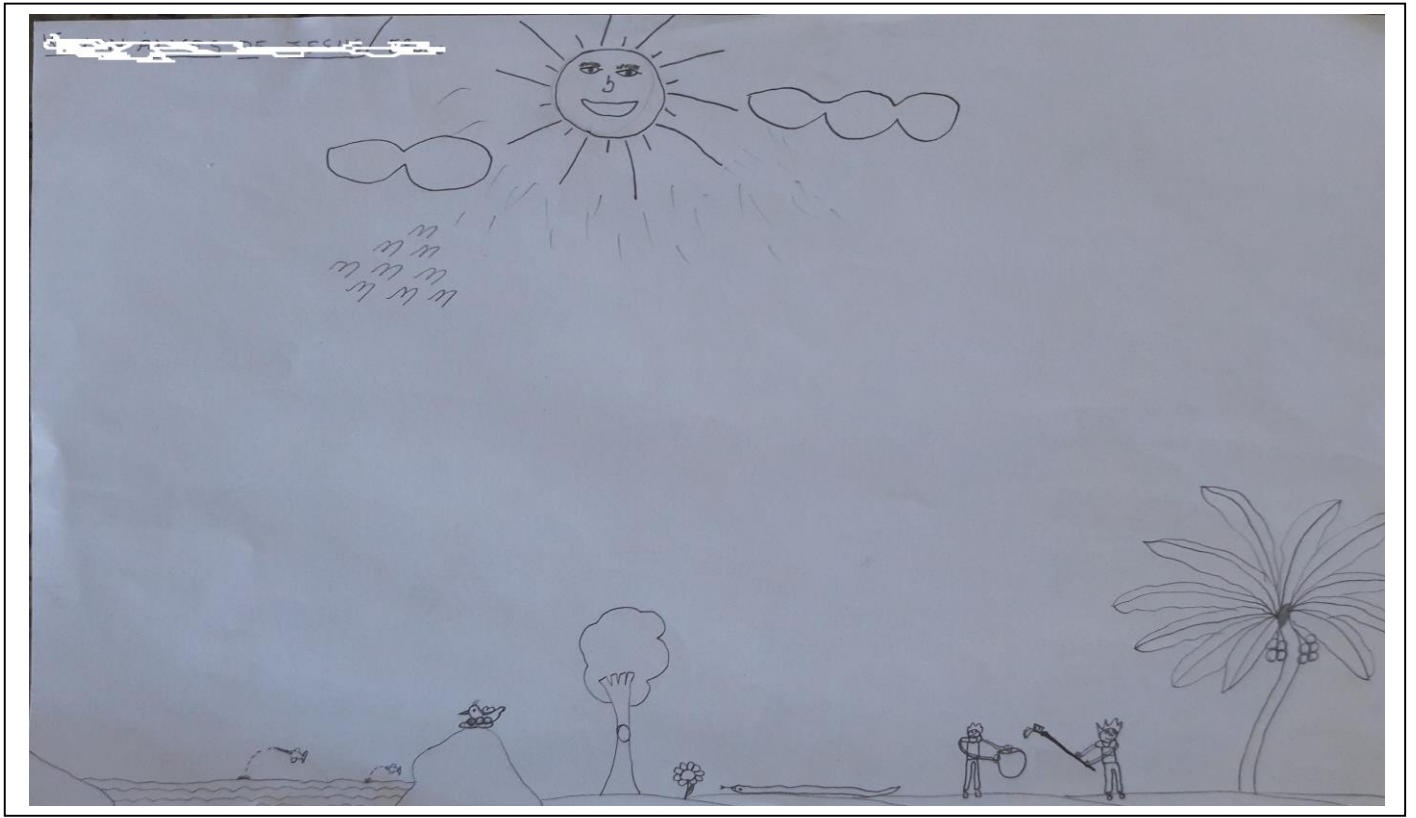


- E aqui você é uma coisa pequena! Mas agente aborda outras fontes de pesquisa, trazendo outros elementos;
- Vídeos!
- Justamente nesta busca de sensibilizar e trabalhar a importância dessa questão ambiental.
- (Pesquisador). Professora a temática ambiental é trabalhada apenas por disciplinas específicas, ou dentro de todas as disciplinas procura-se discutir este tema?
- (Professora). Geralmente é dentro de todas as disciplinas.
- Agente trabalha um texto, exemplo: A água pode acabar.
- Dá para trabalhar a questão ambiental e interpretação de texto.
- Matemática, envolvendo cálculos;
- As torneiras pingando;
- Geralmente tentamos trabalhar envolvendo todas as disciplinas, não tem um foco específico;
- Ciências, que as vezes, agente aprofunda algumas temáticas tipo: fundamentos sobre a água;
- Mas em geral perpassa por todas as disciplinas.
- Conseguimos fazer esse diálogo com as disciplinas para poder relacionar essa questão ambiental.
- (Pesquisador). As perguntas acabaram, mas você gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi perguntado aqui?
- (Professora). Não!
- Só gostaria de reafirmar essa questão ambiental!
- Para você trabalhar a formação do estudante, é um processo;
- Às vezes muito lento;
- Às vezes agente não tem muita paciência para esperar, mas que a gente deve continuar plantando a semente;
- Cuidando, lembrando sempre, trabalhando isto;
- Não deixar esse tema se acabar, estando sempre fomentando essa chama.
- Porque é a nossa vida né!
- O meio ambiente é tudo o que nós temos!
- Eu tento muito trabalhar isto com eles: é uma questão de sobrevivência, ou agente cuida ou agente cuida, não existe outra opção!
- Eu constantemente brigo: tem que catar o lixo ali fora!

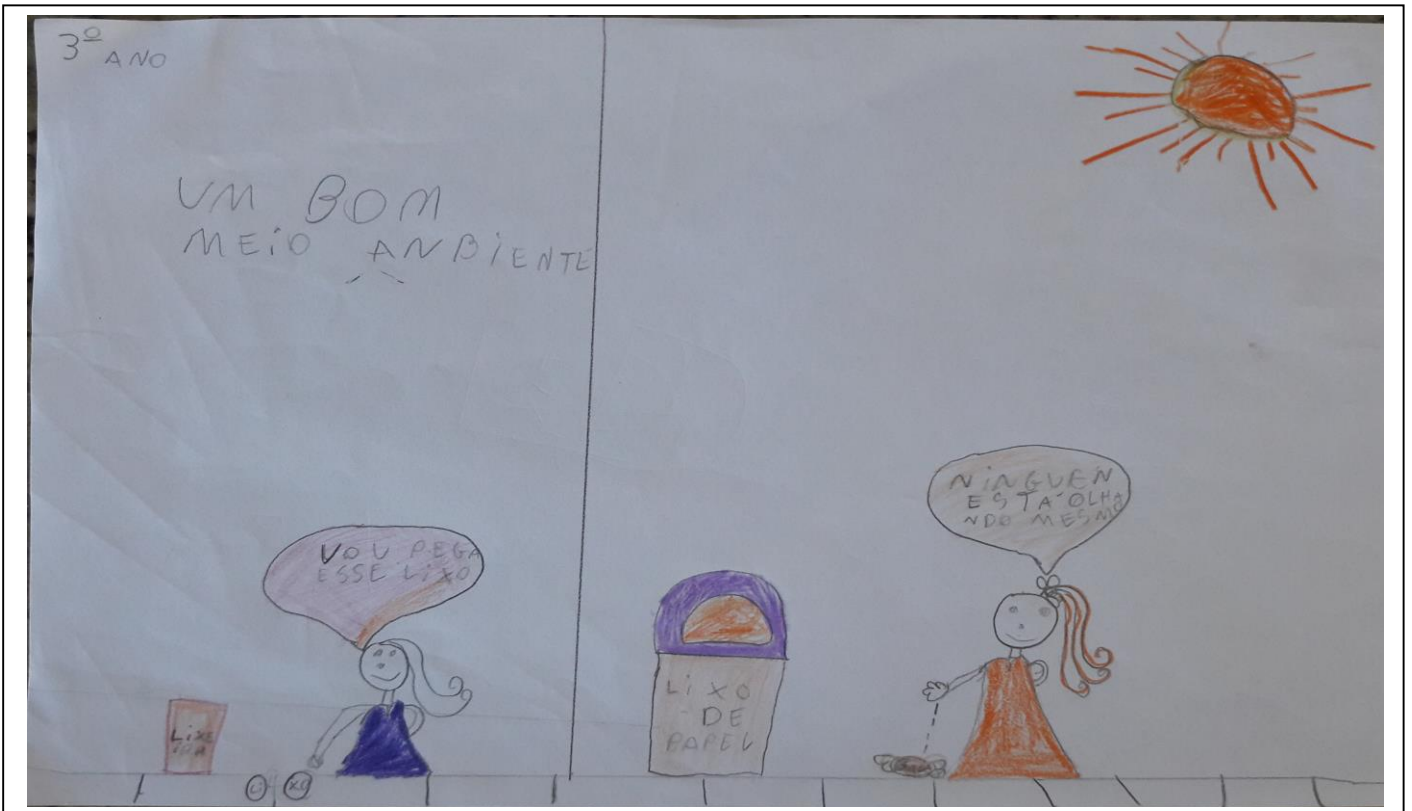
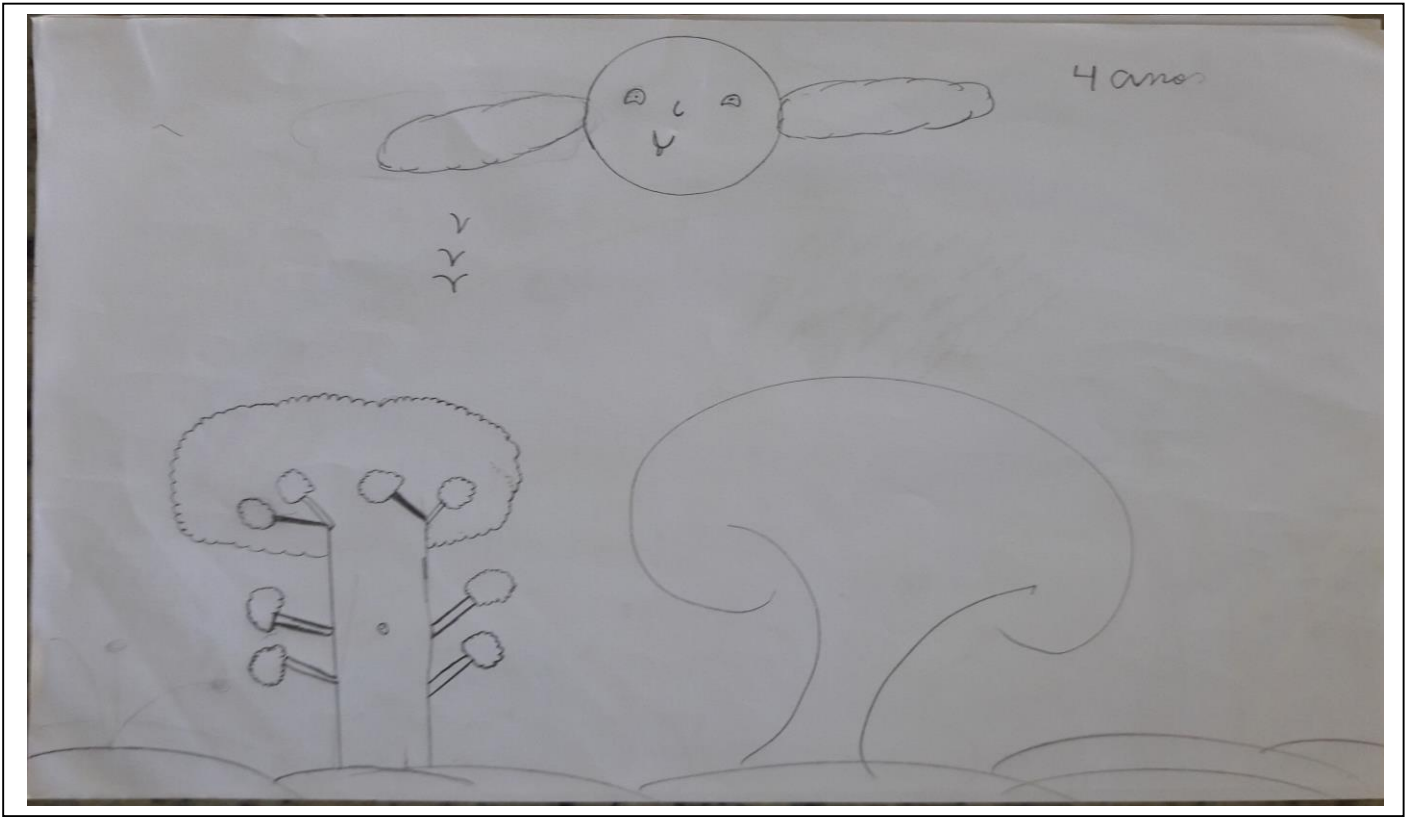
- E os alunos perguntam por que tem que catar?
- Ai eu respondo: porque agente tem que cuidar da terra!
- Agente tem músicas;
- Agente tem vídeos;
- Agente trabalha sempre nessa dinâmica;
- Assim, tentando trabalhar a sensibilização!
- Como eu falei né!
- É um desafio de cada dia e de cada minuto;
- As crianças às vezes têm certos pensamentos: Eu posso sujar, pois vai ter sempre alguém para limpar.
- Isto é meio que geral nas escolas;
- Isto tem que ser desconstruído!
- Eu tenho que cuidar, pois é um espaço onde estudo;
- É um ambiente que faço parte!
- Eu tenho que sentir que faço parte deste ambiente
- Acho que quando você se acha parte do ambiente você consegue despertar esse cuidado.
- Você é o ambiente também!
- (Pesquisador). Obrigado professora pela atenção e pela boa vontade em nos atender.
- Desde já me coloco a disposição para ajudar a escola no que for preciso.

## APÊNDICE E – Desenhos produzidos pelos alunos da sala multisseriada

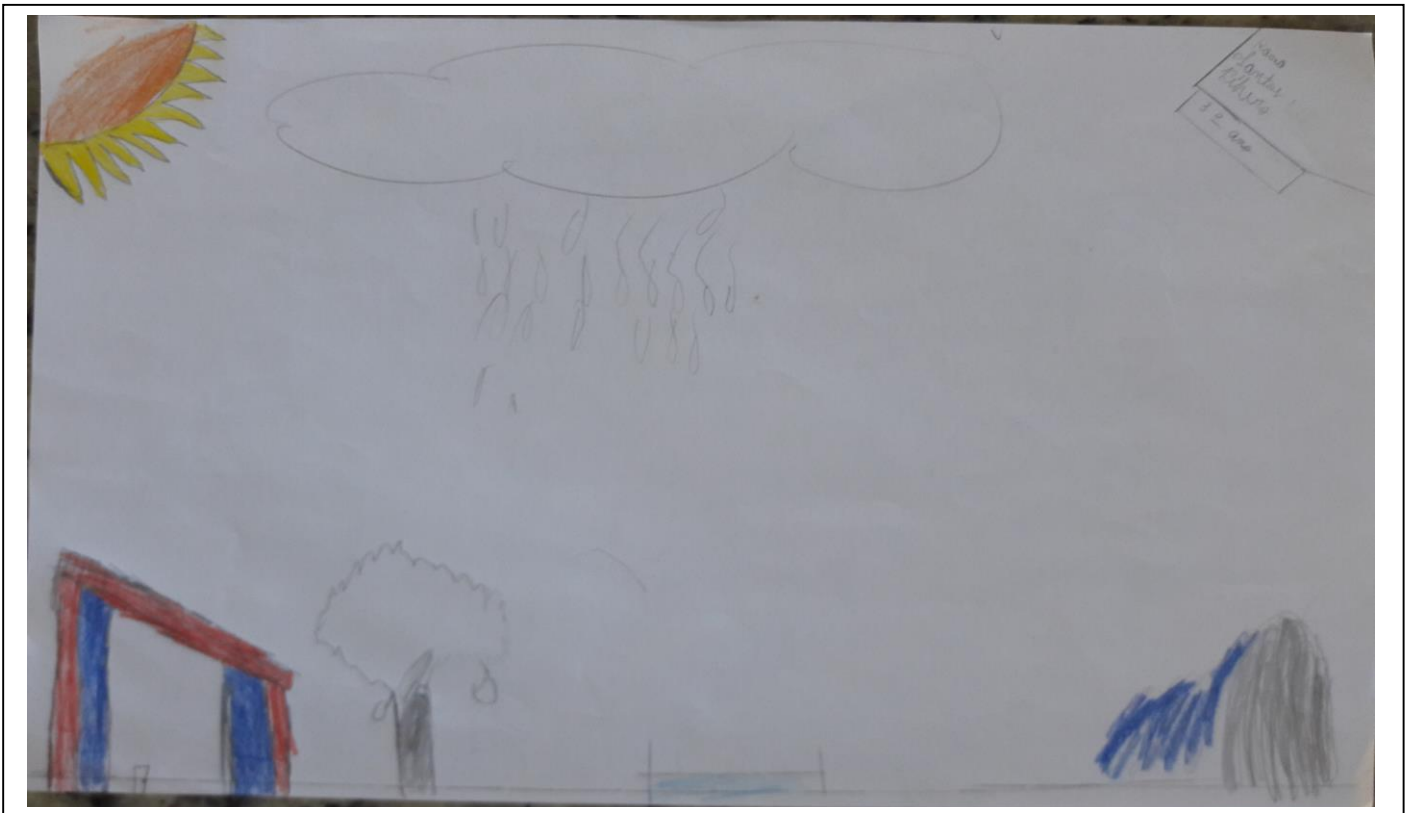
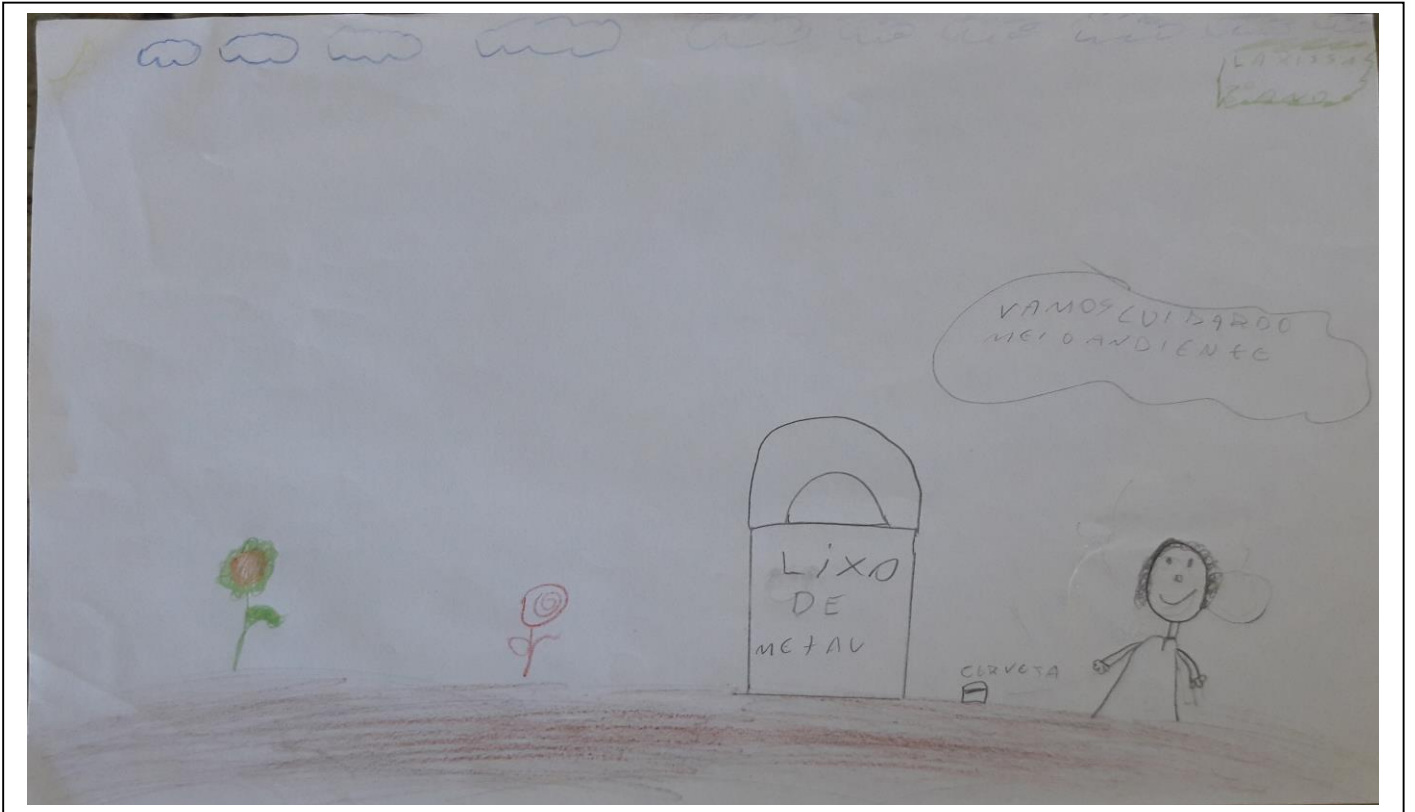




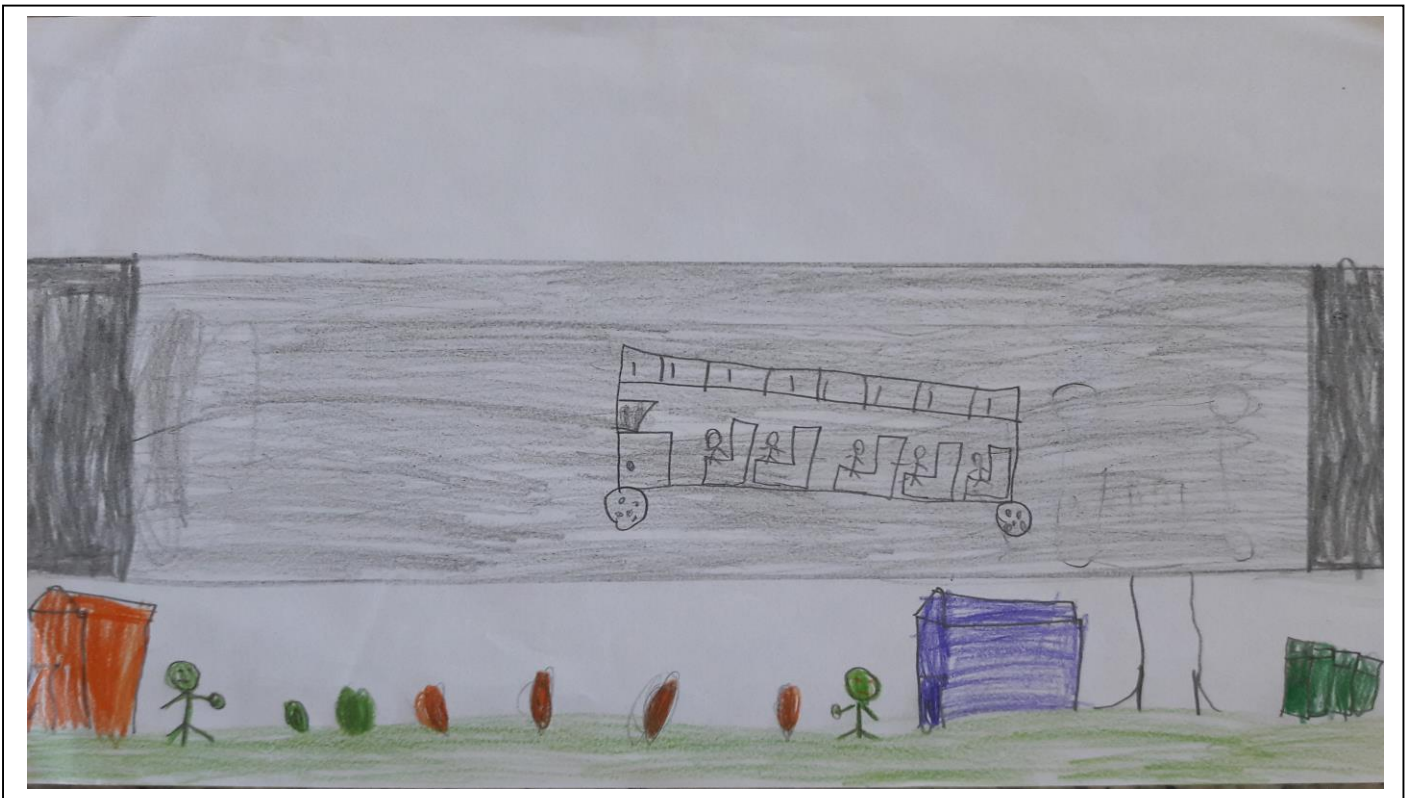












## APÊNDICE F – Memorial Acadêmico do pesquisador

Professor efetivo do Ensino Fundamental (EF) da rede municipal da cidade de Pinheiros, ES, exerço nesta rede, atualmente, a função de diretor. Além disto, ocupo a função de tutor presencial numa licenciatura em Filosofia, modalidade Educação à Distância (EAD), oferecido pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Considerando minha formação acadêmica a partir do Ensino Superior (ES) iniciei a graduação em Geografia em 1998, concluindo em 2001. Capacitei-me a partir daí nas seguintes especializações: Especialista em Geografia do Brasil (2003), Especialista em Formação de Mediadores (2011), Especialista em Gestão Escolar (2012), Desde junho de 2016 curso o Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Iniciei a carreira profissional no ano de 2000, quando aprovado no concurso público do Município de Pinheiros ES. Assumi o primeiro cargo efetivo de 25 horas como professor de Geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Governador Carlos Lindemberg. No ano de 2007, aprovado pela segunda vez em concurso público municipal, assumi nova efetivação, para o cargo de professor de Geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Emir de Macedo Gomes.

Atuei como professor de geografia nas Escolas Estaduais Nossa Senhora de Lourdes e Antônio dos “Santos Neves”, em caráter de contrato temporário, no período de 2000 a 2008, lecionando em todas as séries do Ensino Médio.

No ano de 2008, trabalhando como professor de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonio dos “Santos Neves”, tive meu projeto contemplado no concurso “Boas Práticas pedagógicas”, promovido pela Secretária Estadual de Educação do Espírito Santo (SEDU). O título do trabalho foi: Pensando Globalmente, agindo localmente. O projeto rendeu a escola uma quantia de 34 salários mínimos, para que fosse custeado na aplicabilidade do mesmo.

Minha primeira experiência profissional no ensino superior se deu no ano de 2008, quando selecionado para ser Tutor Presencial do curso de graduação em Geografia, pela Faculdade de Ciência e Tecnologia de Salvador, FTC, permanecendo no cargo até a conclusão do curso no ano de 2009.

Em 2009, fui selecionado para ser Tutor Presencial do Curso “PROCESSO FORMADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL” pela Universidade Federal do Espírito Santo, na modalidade EAD, no Pólo de Pinheiros ES, tendo concluído a primeira turma em 2010. No ano de 2013 a UFES ofertou o curso novamente no Pólo de Pinheiros, sendo classificado para assumir a função de Tutor presencial.

Atuei como tutor presencial do curso de especialização PROEJA, ofertado pelo IFES na modalidade EAD no Pólo de Pinheiros ES, no período de 2011 a 2012. Em meados de 2012 o curso foi reofertado pelo IFES no Pólo de Pinheiros, sendo convidado pela coordenação do Curso a assumir a turma; no qual acompanhei até sua conclusão no final do ano de 2013. Por indicação da Coordenação do Curso de Especialização PROEJA, recebi o convite para assumir a tutoria presencial do curso de PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO – PIE, tutorando a turma até sua conclusão, no final de 2013.

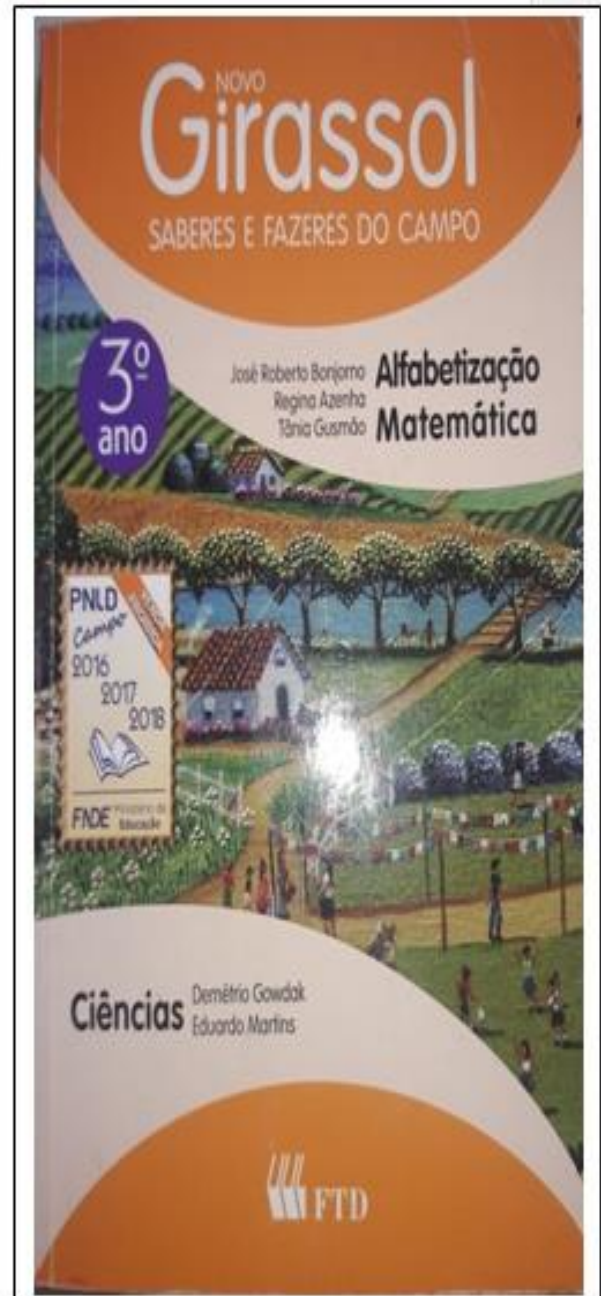
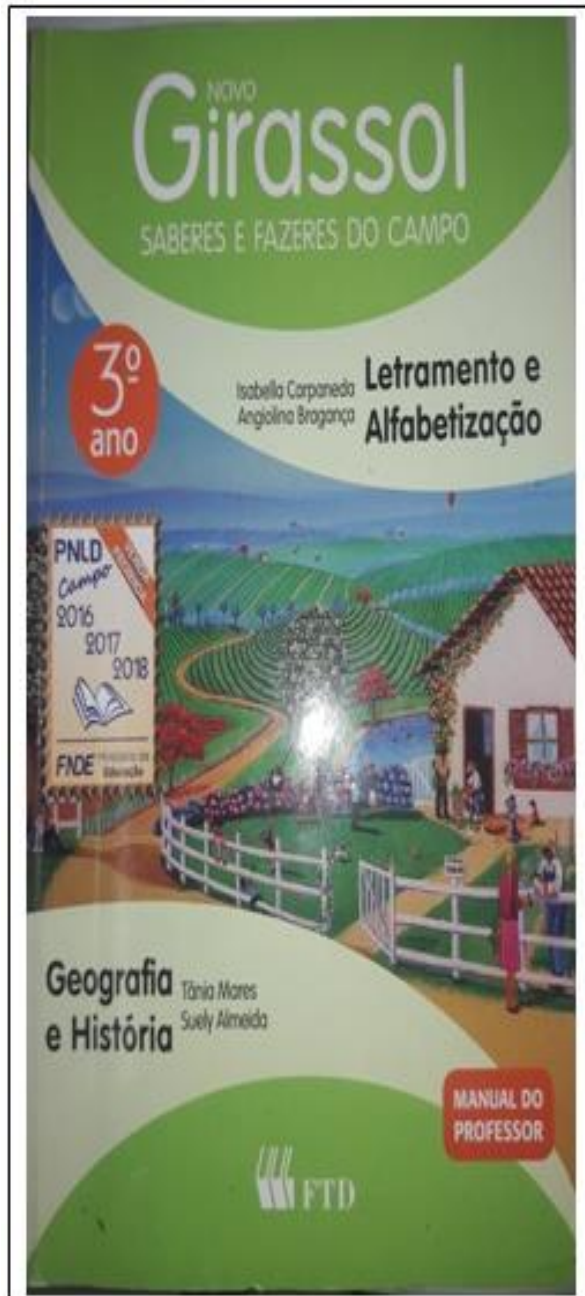
No período em que atuei no curso “PROCESSO FORMADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL” pela UFES, conheci a Professora Martha Tristão, que era coordenadora do processo; identifiquei-me muito com seu trabalho e com a temática explorada, começando a aprofundar-me no tema, passando a envolver-me em pesquisas relacionadas ao Ensino da EA na rede municipal de Pinheiros ES.

No intuito de obter maior capacitação acadêmica e profissional, iniciei um processo que objetivava minha inserção em programas de Mestrado, apresentando um projeto de pesquisa que procurava identificar as características do processo de Ensino da EA na Comunidade Escolar do Assentamento Nova Vitória localizado na zona Rural do Município de Pinheiros ES. O problema da pesquisa volta-se para a seguinte questão: Quais percepções de EA são vivenciadas em sala de aula, pelos professores e alunos que atuam na comunidade escolar do Assentamento Nova Vitória?

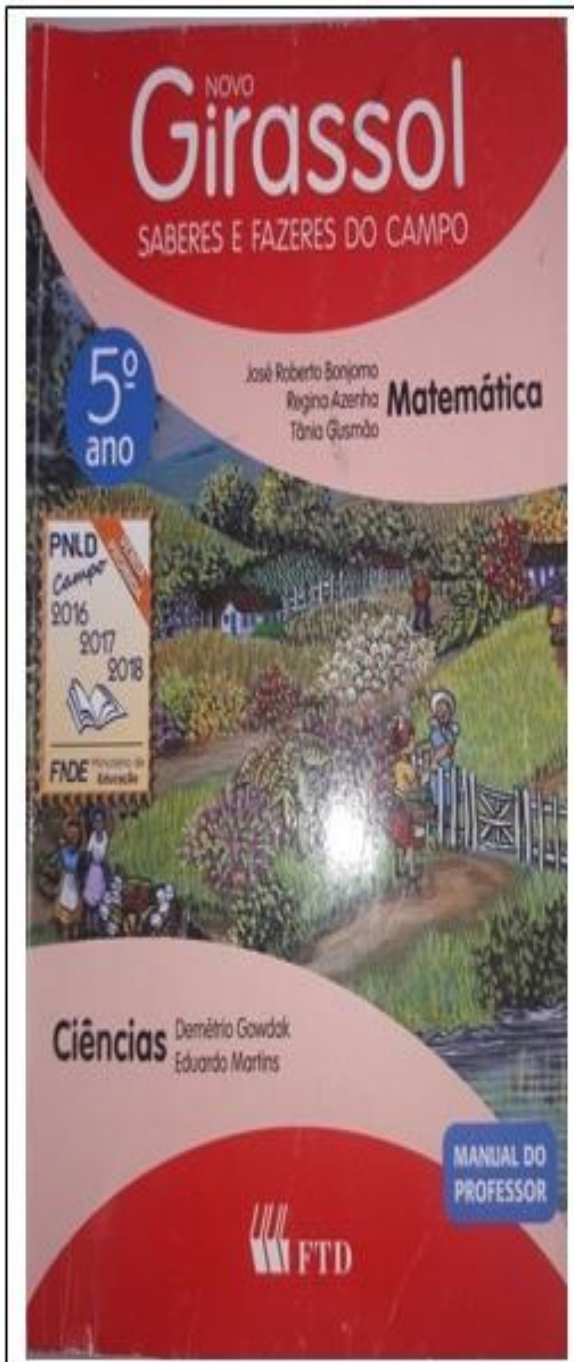
Após participar de alguns processos seletivos para programas de Mestrado, fui selecionado no Programa de mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, da Faculdade Vale do Cricaré na cidade de São Mateus ES, onde pretendo focar minha pesquisa e dissertação com o tema: Percepções do ensino de Educação Ambiental na comunidade escolar do Assentamento Nova Vitória – Pinheiros – ES.

## ANEXOS

## ANEXO A – Fotos dos livros didáticos utilizados pelos alunos da sala multisseriada







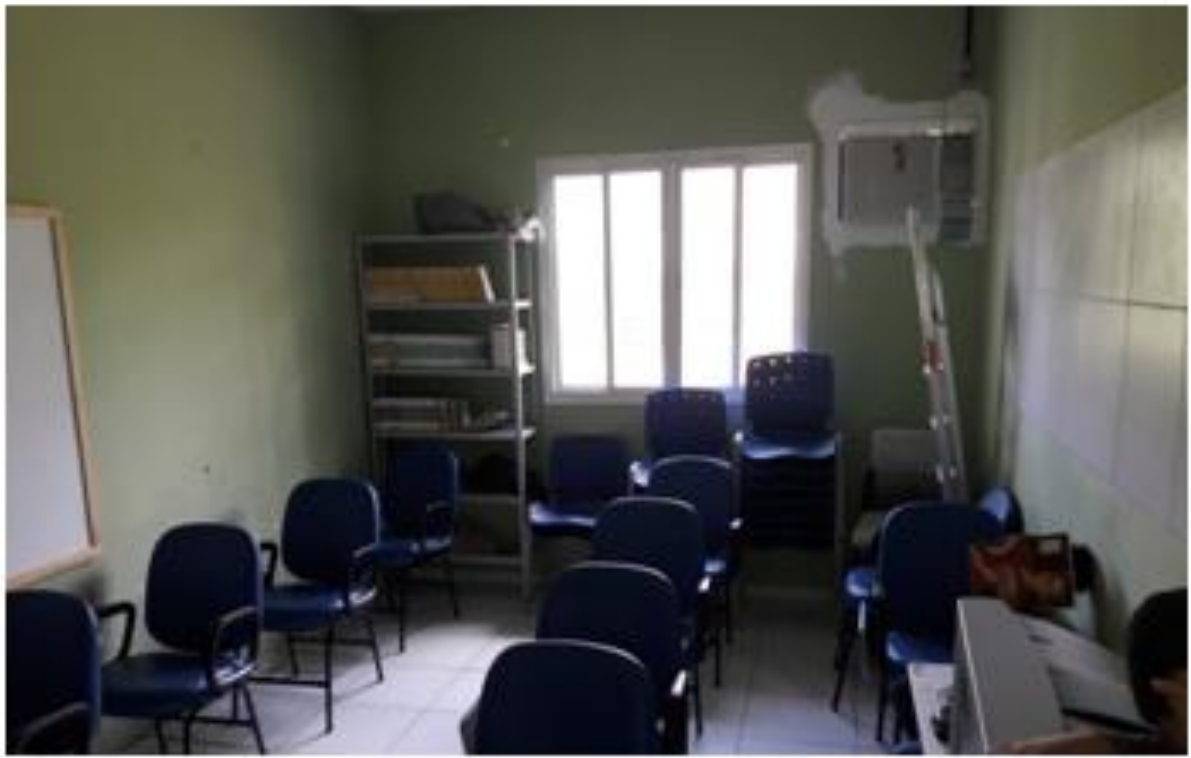


ANEXO B – Fotos das dependências da EEEF Margem do Itauninhas









## ANEXO C - Sobre a Horta em Mandala

Na horta Mandala o canteiro tem o formato circular e, conforme for projetado o caminho em sua volta, facilitará seu manejo, irrigação e colheita.

A horta em círculo permite:

- Melhor aproveitamento da água em sua irrigação;
- E Melhor aproveitamento de espaços de terra;
- E possibilita uma produção mais concentrada e diversificada

Em uma horta mandala maior, é possível ter um tanque de irrigação em seu centro. Através de linhas de drenagem, a água escorre para o meio e é recaptada pelo sistema. Já no plantio convencional (retilíneo), a água é barrada para evitar a erosão do solo.

Esse conceito de horta também é uma ótima opção para a agricultura familiar pelo seu baixo custo de produção e, além disso, conta com a possibilidade de incluir animais em volta, onde se pode usar o esterco como fertilizante e criar peixes se nela tiver o tanque de irrigação.

A horta Mandala tem raiz no Movimento de Permacultura, cujos pilares são o cuidado com a terra, cuidado com as pessoas e o compartilhamento. A horta em círculo segue a teoria de que na natureza todas as suas formas são arredondadas/curvilíneas como o planeta Terra, as sementes, as células, etc.

O termo Mandala vem do sânscrito e significa “sagrado” ou “círculo mágico” e fertilidade.

Princípios para trabalhar com a Horta Mandala

- Plantar o máximo que puder, utilizando o menor espaço;
- Usar o mínimo de energia, para a máxima produção;

- Promover o envolvimento de toda a comunidade;
- Nada se perde tudo se aproveita;
- Trabalhar em parceria com natureza.

A seguir uma foto que ilustra uma horta em modelo de Mandala.

**Foto ilustrando uma horta em mandala**



Fonte: <https://jovemagricultordofuturovitoriabrasil2014.wordpress.com/2014/10/13/horta-mandala/>

Texto disponível em: <http://furabolha.blogspot.com.br/2013/03/horta-mandala.html>